

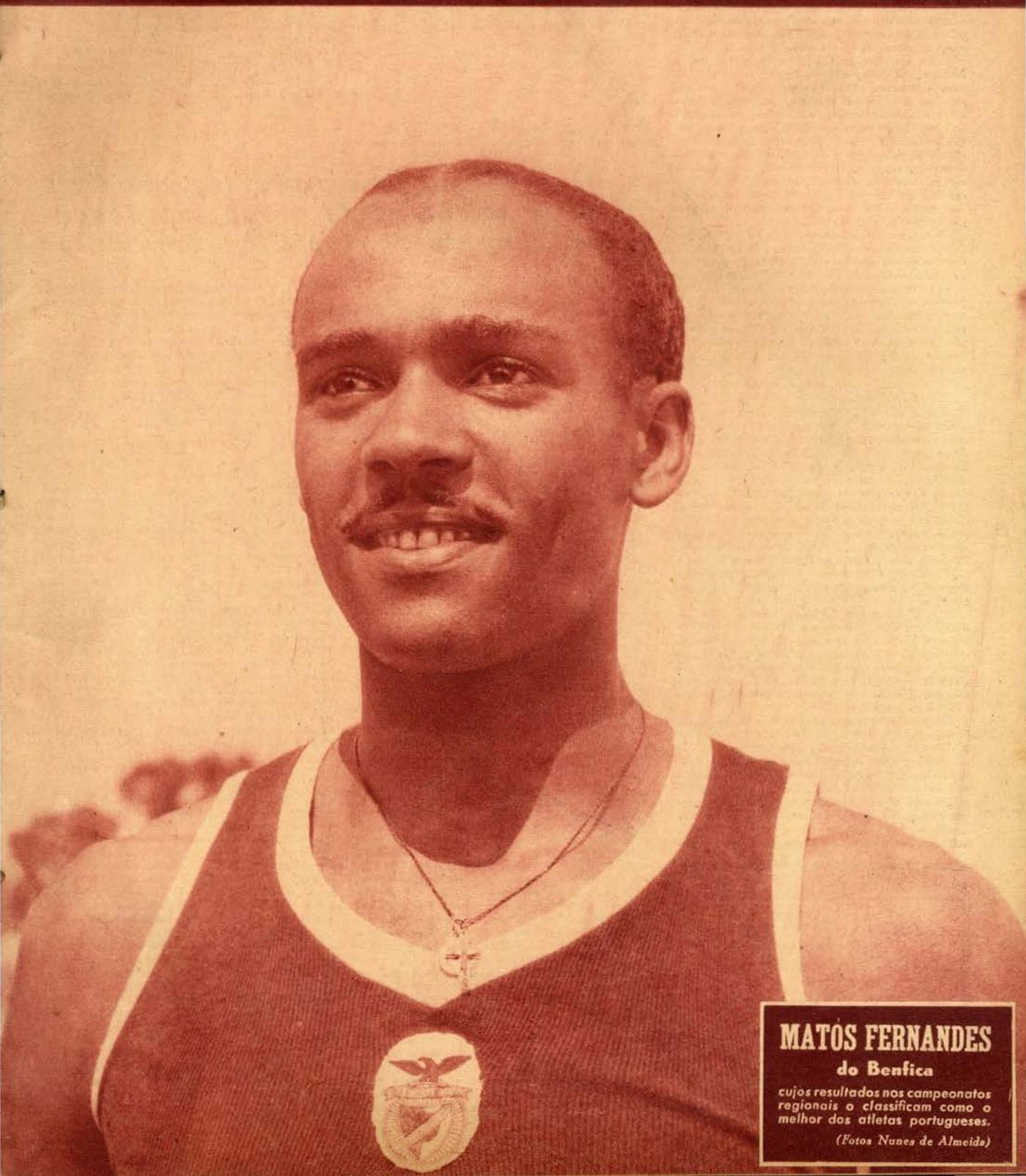
Stadium

N.º 90 ★ 23 DE AGOSTO DE 1944 ★ PREÇO 1\$50

VER NESTE NUMERO

a reportagem gráfica
e respectiva tricromia

do **SPORTING CLUBE OLHANENSE**



MATOS FERNANDES

do Benfica

cujos resultados nos campeonatos
regionais o classificam como o
melhor dos atletas portugueses.

(Fotos Nunes de Almeida)

O CAMPEONATO

do

Grupo de Xadrez de Lisboa

ou um xaque-mate no xadrez lisboeta...

COMEÇADO em princípios de Junho e concluído só há pouco, após longo intervalo, devido a partidas infinitamente suspensas ou adiadas, o campeonato de 1944 do Grupo de Xadrez de Lisboa não merece sequer ser considerado como tal — opinião que pomos sem rodeio e que é, aliás, o eco de inúmeras outras bastante autorizadas.

Este fracasso pode atribuir-se a diversos factores. O adiantado da época, pouco própria para a intensa ginástica mental a que o xadrezista tem de se entregar; o limitado interesse dos concorrentes, justificado pela modéstia do respectivo elenco; e, sobretudo, a péssima organização do torneio — são, por ventura, os principais. As culpas que cabem à entidade organizadora são, também, de considerar. Revelaram-se contraproducentes as medidas tomadas pela direcção do Grupo, tendentes a «refrescar» os quadros das categorias superiores, aumentando o número de candidatos às promoções.

A prova careceu de entusiasmo e interesse, por falta de nomes que a ilustrassem, pela ausência do espírito de competição e pelo claro desequilíbrio de forças — só equiparáveis pela negligência dos mais categorizados, com maior ou menor brio desportivo, consoante os pontos de vista.

Os torneios valem mais pela qualidade do que pela quantidade dos participantes. Eis um princípio que deve estar presente no espírito de todos quando de futuras provas — para bem do nosso xadrez!

Como não podia deixar de acontecer, sob o ponto de vista técnico o campeonato foi pobre. Os factos que apontámos não permitiram que os jogadores dispusessem da plenitude dos seus recursos. Exceptuando Fernando de Almeida, apenas os candidatos, em número de cinco, jogaram mais dentro das respectivas possibilidades. Dos consagrados, somente Lupi se exibiu em boa forma. Este facto proporcionou-lhe uma vitória folgada, tendo apenas consentido um empate — e esse mesmo «accidental»... Com este novo triunfo, F. Lupi reconquistou o título de campeão do G. X. L. — que deteve desde 1939, mas que no ano passado lhe havia sido arrebatado por Rui Nascimento.

Em 2.º lugar, com 6,5 pontos, menos 2 do que o primeiro, classificou-se o nosso prezado colaborador Vasco Santos, que se apresentou em forma satisfatória, embora por vezes irregular. Os excessos de confiança, amígdos observados, fizeram perigar a posição que conquistou logo no começo do torneio, firmada após a renhida partida que disputou contra o jovem Moura.

Os postos imediatos cobriram a Artur Cruz, José Luís de Moura e Rui Nascimento, todos com 5,5 pontos e desempatados pelo sistema de Sonborn Berger. De um rápido exame ressalta a modesta classificação de Rui Nascimento, considerado o mais directo rival de F. Lupi. Este comportamento não foi de todo inesperado, pois já no recente campeonato inter-clubes a sua forma tinha suscitado reparos. Artur Cruz, veterano da «B», ingressou na categoria de honra, por haver conse-

A aviação desportiva — podemos afirmá-lo sem receio de errar — ainda não esboçou, no nosso país, o mais pequeno sintoma de existência. O pouco que se tem feito deve-se mais à iniciativa e colaboração dos elementos oficiais do que propriamente ao impulso desportivo criado por certa mentalidade aeronáutica.

Houve, é certo, leve bater de asas, aqui e além, mas tão distanciados foram esses lampejos de entusiasmo que, por falta de continuidade, não permitiram colher os frutos que poderiam ter ocasionado — e bem necessários eram num país onde o espírito aeronáutico praticamente não existe e onde é mister criá-lo quanto antes.

A aviação é um desporto, grande e salutar desporto, que os países estrangeiros cultivam com extraordinário entusiasmo, recolhendo vantagens apreciáveis e con-

um momento para o outro, uma mentalidade aeronáutica bem constituída, num país onde, ainda há meia dúzia de anos, a aviação era um mito. Tudo necessita de propaganda para que se obtenha progressivo desenvolvimento, útil aproveitamento de energias!

Essa propaganda só agora parece querer esboçar-se firmemente, talvez porque as próprias circunstâncias o exigem.

Como criar o tal espírito aeronáutico de que falámos?

Há, quanto a nós, três formas de o conseguir, quando, superiormente orientadas, apresentem força poderosa e não um conjunto de tentativas condenadas ao malogro — a aviominiatura, o livro e o espectáculo aéreo.

A aviominiatura é o primeiro degrau, o ABC da Aviação, como muito bem lhe chamou Americo Vaz, em título de um curioso livro. Nela se dão os primeiros

AVIAÇÃO DESPORTIVA

O papel da aviominiatura, do livro e do espectáculo aéreo, no desenvolvimento do espírito aeronáutico

segundo resultados magníficos, que se refletem na vida dessas nações.

O que se fez no campo da aviação desportiva em Portugal resume-se a meia dúzia de festivais...

Diga-se, em abono da verdade, que alcançaram justificado êxito e fizeram delirar o público que acorreu, em massa, a presenciá-los. Lembremo-nos dos que se efectuaram na Amadora, um deles em homenagem póstuma a Plácido de Abreu — desportista do ar que a morte ceifou em plena lua quando, lá longe, nos céus de Vincennes, disputava, com grande entusiasmo, a «Taça do Mundo de Acrobacia Aérea», lado a lado com os maiores e mais famosos acrobatas estrangeiros.

Se excluirmos estas festas e outra realizada na cidade do Porto, que mais encontramos? Um ou dois «ralles» aéreos e algumas provas isoladas de acrobacia, tanto do agrado do nosso povo. Isto pelo que se refere à actividade dentro do país, porque fora d'êlo tudo se resume na representação de Portugal em Cleveland, na América do Norte, confiada a Plácido de Abreu, e mais tarde, na honrosa mas trágica actuação do mesmo aviator no polígono de Vincennes.

E eis tudo — ou quasi tudo! O nosso indiscutível atrazo aéro-desportivo é filho da falta de interesse de alguns e, sobretudo, consequência da existência de um espírito aeronáutico que não se desenvolveu — e que tem de criar-se.

Bem sabemos que não se consegue, de

passos, nela se criam os primeiros entusiasmos. O rapaz aprende a construir os seus pequenos aviões, lança-os no espaço e delira com os resultados que obtém.

O livro é, depois, o grande propagandista que amplia, ou deve ampliar, o entusiasmo criado pela aviominiatura. Mas o livro bom, escrito pelos que podem fazer com absoluto conhecimento de causa, o livro que seja útil e não pernicioso, que entusiasme e não destilada, que incite e não aborrea.

O terceiro factor é, sem dúvida, o espectáculo aéreo, que empolga, arrasta e fascina multidões e as faz delirar com as figuras acrobáticas. Com que entusiasmo o nosso povo anônimo falava de Costa Macedo, de Detroyat, de Novak e Marcel Doret, depois dos festivais da Amadora!

São estes, quanto a nós, os três factores principais para a criação do espírito aeronáutico — mas, repetimos, quando qualquer d'êles reúna as condições necessárias e não se resume a um conjunto de elementos efêmeros e portanto nocivos.

Fazer construir pequenos aviões, sem método e sem ordem; escrever livros balofos, que nada ensinam; ou organizar festivais que não entusiasmem — é remar contra a maré. Pelo contrário, com uma aviominiatura tecnicamente perfeita, um livro cientificamente escrito e um espectáculo sabiamente organizado, ter-se-á lançado preciosa semente, que dará bons frutos se os soubermos aproveitar e colher.

ANTAS TEIXEIRA

ANO XII — Lisboa, 23 de Agosto de 1944 — II SÉRIE — N.º 30

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, L.D.A.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 5 1146 — LISBOA

Execução gráfica de NEOGRAVURA, L.T.D. — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

quido a percentagem requerida. O seu comportamento regular confere-lhe certo merecimento nessa promoção. Contudo, deve acrescentar-se que o êxito desta tentativa, da qual foi o único vencedor, filia-se em grande parte nas circunstâncias em que foi disputada a prova. José Luís de Moura, dos melhores xadrezistas da nova geração, classificou-se em 4.º lugar — o posto que se ajusta realmente melhor à sua forma actual. No entanto, poderia ter logrado melhor pontuação, dada a circunstância do período da competição ter acabado por coincidir com a época dos exames.

João Artur Costa, grande animador do xadrez no Grupo Desportivo da Imprensa Nacional, classificou-se em 6.º lugar, com 4 pontos. Chegou a ter consideráveis probabilidades de ingressar também na 1.ª categoria e não o conseguiu porque de facto não estava suficientemente preparado. Araújo Pereira, 7.º classificado, repetiu de novo a desagradável decisão de abandonar a meio da prova, parecendo comprazer-se em deminuir assim a sua curta mas brilhante carreira. A exclusão absoluta d'êste concorrente seria hipótese bastante aceitável,

a nosso vêr, pois registou 4 faltas de comparência e deu ao, em duas sessões, à oportuna intervenção do árbitro, aliás sem consequências de maior.

Fernando Almeida e Albino Martins classificaram-se em 8.º lugar, «ex-aequo». Almeida era considerado o único candidato sério à promoção, porque L. Ventura, campeão da categoria B, não pôde concorrer. Depois da brilhante «performance» do torneio inter-clubes, esperava-se de Almeida uma exibição que confirmasse a anterior — mas tal não sucedeu, possivelmente porque foi o jogador que mais se ressentiu dos diversos pormenores que prejudicaram a boa ordem d'êste campeonato. A. Martins, o mais «dinâmico» estrategista do G. X. L., conseguiu com o seu jôgo característico, à maneira da guerra «Blitz», que tantas vitórias lhe proporcionou no torneio «B», fazer 2,5 pontos... psicológicos...

A direcção da prova foi confiada a Mestre Gabriel Russell, que pouco uso fez da sua autoridade para remediar, na medida do possível, as faltas e deficiências que apontámos.

J. C. V.

A transição que se tem operado no futebol português podia aproveitar-se para se atender a dois problemas do Jogo e Organização, que mantêm entre si lógicas inter-dependência.

I. Selecção Nacional.

II. Aproveitamento de «valores».

I. Selecção Nacional

Trata-se de um problema fundamental no futebol português. Em última análise, para onde convergem todas as forças do jogo. O padrão que serve de verdadeira medida de um futebol. Ou de qualquer futebol.

A sua solução, ao contrário do que tem sucedido até agora, não pode ser episódica ou estritamente empírica, isto é, continuar a fazer-se, de modo geral, um arranjo de jogadores para o momento oportuno.

Pelo contrário, a solução deve ser contínua e profunda. Um país deve possuir a sua «Selecção Nacional», mesmo quando não tenha encontros internacionais apressados.

Quere dizer: um Grupo representativo em potencial capaz de, na altura própria, representar a melhor expressão do seu futebol.

O quadro deverá estar traçado, estudado e realizado, embora seja necessário, quando chegar a hora da verdade, avivar um ou outro ponto, dar uma ou outra demão, consoante a forma dos jogadores.

Seja-nos lícito apontar alguns dos princípios gerais para conseguir o objectivo que se refere:

- Existência de um Seleccionador permanente, assistido de um corpo técnico incluindo médico desportivo e professor de ginástica.
- Nomeação de Auxiliares do Seleccionador em várias terras, sobretudo naquelas de importância futebolística — Porto, Coimbra, Algarve, Setúbal, Braga, Aveiro e outras.
- Exame rigoroso do futebol de Lisboa, lógi-

PROBLEMAS DO FUTEBOL PORTUGUÊS

ESBOÇO DE UM PLANO

que respeitando à Selecção Nacional aproveitaria aos jogadores novos

por TAVARES DA SILVA

camente a base da Selecção. (O ideal seria confiar-se a constituição e preparação da Selecção de Lisboa ao Seleccionador Nacional).

d) Íntimo contacto entre o Seleccionador e os Treinadores.

e) Organização, durante a época, de encontros: Norte-Sul; Lisboa contra Norte e Centro; Lisboa contra Setúbal e Sul; Selecções Nacionais A contra B. (Lista de encontros que, evidentemente, é exemplificativa, podendo aumentar ou diminuir em conformidade com o plano e as solicitações do meio desportivo).

A simples enunciação dos princípios acima referidos exprime nitidamente o que se pretende. Importante, no entanto, breves esclarecimentos.

O Seleccionador não pode estar em cada domingo senão num sítio do jogo. Por muito que multiplique a sua actividade, caminhando apressadamente de norte a sul, o seu exame directo não abrangê, na extensão devida e necessariamente pormenorizada, todo o panorama futebolístico.

Por isso se impõe que o Seleccionador delegue, e escusado é acentuar que de acordo com a Federação de Futebol, em pessoa irmanada nos princí-

pios enunciados e na sua forma pessoal de trabalho, parte da tarefa que lhe cabe — bem delicada, por sinal.

O contacto estreito, e efectivamente realizado, entre Seleccionador e Treinadores, parece-nos igualmente de capital importância.

Os Treinadores são os que mais directamente privam com a matéria futebolística; aqueles que melhor conhecem o estado físico e moral ou psíquico do jogador. (Nunca compreendemos o bem visível afastamento entre a personalidade «Seleccionador» e a personalidade «Treinador».)

A organização dos encontros da alínea e) serviria, praticamente, a ideia da constituição da Selecção. Era, sem sombra de dúvida, um bom ponto de partida.

As vantagens do Plano adoptado — é nosso convencimento — repercutir-se-iam no campo técnico e da técnica futebolística. Por consequência, propriamente, no aperfeiçoamento do jogo, que poderia resultar, além de tudo, do justo entendimento entre Seleccionador e Treinador.

... Tentativa da implantação definitiva de uma Escola Portuguesa do jogo!

E ainda na expansão do jogo, em virtude dos encontros preparatórios se poderiam disputar em cidades e locais que não são teatro, ordinariamente, de grandes pugnas de futebol, razão de sobra para provocarem a mais viva curiosidade e o mais robusto interesse.

NO ANO DAS BODAS DE PRATA...

Recorda-se a visita do sr. Director dos Desportos ao Clube Nacional de Nataçào

PRIVADO das suas instalações na doca de Alcântara, o Clube Nacional de Nataçào viu-se, de um momento para outro, a braços com aguda crise. Se não fosse a energia de um homem com qualidades raras de dirigente, o simpático C. N. N. teria talvez desaparecido. Mas há males que vêm por bem. O Nacional acabou por encontrar, em hora verdadeiramente feliz, o óptimo terreno de S. Bento, dispondo de conjunto invejável de prediçados — e começou a trabalhar no sentido enérgico «vida nova».

De facto, em 7 de Setembro de 1941 o clube trilhou caminhos audaciosos: fez a inauguração oficial do seu já hoje encantador parque desportivo. A vontade pudera mais do que o infortunio. A presença de Gustavo Pereira da Costa triunfara — e o Nacional de Nataçào ganhara também...

As duas épocas que se seguiram, 1942 e 1943, serviram para que o Nacional conseguisse mais fundas raízes. E ganhou-as, realmente: o número de sócios subiu progressivo e o valor desportivo da colectividade aumentou deveras. Em suma — houve verdadeiro progresso global dentro do útil C. N. N.

Este ano «vive» um período de significado especial: está no ano das suas bodas de prata... Por isso quisémos conversar com Pereira da Costa, o sócio n.º 1 do clube e seu grande impulsor e dedicado presidente.

A obra do Nacional mereceu os melhores elogios do sr. Director Geral dos Desportos

Pereira da Costa começa por nos referir o que elle considera o acontecimento máximo das bodas de prata — a visita do sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro:

— Quando fomos apresentar os nossos cumprimentos ao sr. Director Geral dos Desportos, após a sua posse, tive oportunidade para expôr a S. Ex.ª não só o que o Nacional já lhe havia realizado no capítulo de instalações, mas também o que projecta efectuar logo que as circunstâncias lho permitam. Tentei, assim, dar uma visão pano-

râmica do nosso Parque Desportivo. A amabilidade do sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro chegou ao ponto de manifestar o desejo de visitar o nosso referido Parque. E a visita, que representou subida honra, que logo agradecemos, effectuou-se dias depois.

«Acompanhado do inspector Sr. Ayala Botto, o chefe dos desportos permaneceu mais de duas horas no nosso clube. Percorreu e observou pormenorizadamente o terreno, analisou o que está feito e escutou com atenção, que muito nos sensibilizou, todas as informações acerca do que falta ainda edificar. Por fim, o illustre official aprovou de forma absoluta o nosso plano e teve desvanecedoras palavras de aplauso e estímulo, que jámais esqueceremos.

«Mas nem só o capítulo de instalações mereceu ao sr. Director Geral inteiro aplauso. A maneira como se trabalha no Nacional, sob a égide pura do amadorismo, o carinho que temos votado ultimamente, por exemplo, ao campismo e à secção cultural, tendente a fazer do clube uma verdadeira «escola de civismo», teve igualmente a aprovação do sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro — em termos que constituem para nós a melhor recompensa e o melhor estímulo.

— Quere dizer — observámos — ao cabo de três anos o Nacional de Nataçào vê a sua obra aprovada e consagrada em toda a sua extensão pela entidade máxima do desporto nacional...



GUSTAVO PEREIRA DA COSTA

II. Aproveitamento de «Valores»

Aquando do encontro das Salésias, dois dias cutido, entre a Selecção Nacional e a dos Novos ficou plenamente demonstrada a existência de jogadores novos, principalmente na Província, alguns de nome quasi ignorado, com valor suficiente para se enquadrarem na Selecção Nacional, sensivelmente a mesma, já um pouco gasta, portanto, de há uns anos a esta parte. Quere dizer, valores capazes de darem ao grupo nacional alguma coisa que por vezes lhe tem faltado. Ultimamente, pelo menos.

Neste aspecto, devia ir-se tão longe quanto possível. Descer aos clubes porventura modestos, em qualquer terra. Não esquecendo, entretanto, os clubes importantes. Jogador que revelasse, mesmo embrionariamente, qualidades fora do vulgar, após decisão do Seleccionador, em último juizo, deveria ser acompanhado passo a passo, como que encaminhado na sua vida de jogador, investigando-se o seu modo de vida. Corrigindo, ou suprimindo-se, na medida da possível, as suas deficiências de ordem económica e futebolística.

Assim, a rede estabelecida pela necessidade da execução do plano da Selecção facilitaria o aproveitamento destes valores. De resto, tão ligados andam tais problemas, que este é um pouco consequência daquele.

Quando se põe qualquer questão futebolística que envolva nova orientação, mesmo que possivelmente mais útil e proveitosa, costuma haver o trabalho económico deitando tudo impiedosamente por terra.

É fora de dúvida que os problemas devem atacar-se tendo em vista as realidades, partindo-se do principio de que as fórmulas e as medidas se devem ajustar às possibilidades do meio ao qual se destinam.

Respondendo a esse reparo, mesmo em hipótese, quere-nos parecer que este Plano se encontra traçado de modo a ser posto em prática, sem sobreabundar, incomportavelmente, a Federação de Futebol. Os gastos da sua execução devem ser cobertos — assim o pensamos — pelo fruto dos referidos encontros preparatórios. Hipótese que, apesar de falível, como todos os projectos, reputamos certa. Não valerá a pena fazer esta tentativa a favor do futebol português?

(Continua na pág. 15)



Corrija o seu ESTILO

A fotografia é o fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes

57—Fernando Matos Fernandes, campeão de 400 metros

Nada há para corrigir no estilo deste atleta, que é apresentado aqui, como exemplo, para os colegas examinarem e se corrigirem a si próprios daquilo em que o não imitem.

Em pleno esforço, o corredor dá a impressão de facilidade, porque a descontração é absoluta. Passada larga, sem exagero, aproveitando toda a amplitude natural do compasso.

1—O apoio vai fazer-se de calcânhar, quasi sobre toda a sola do pé, que segue em posição de relaxamento; perna atráda à frente, mas sem extensão completa do joelho, que tiraria toda a elasticidade ao choque.

2—A outra perna vem para a frente com o pé alto, sem precipitações que encurtariam o tempo de suspensão e a rotação da bacia é nula, o que assegura perfeito equilíbrio na linha de corrida.

3—O braço que avança traz o antebraço em plano aproximadamente horizontal e, no termo da sua deslocação anterior, o cotovelo não ultrapassa o plano transversal do tronco.

4—O braço que recua levantou o cotovelo à rectaguarda mas fechando o ângulo do antebraço com o braço, de forma a diminuir a acção da componente ascensional na força de deslocação posterior. O eixo escapular também se conserva em linha, sem rotações nervosas, e o tronco aprumado, apenas ligeiramente inclinado para diante, completa a perfeita noção de equilíbrio que a imagem nos oferece.

A fase corresponde à posição intermediária do primeiro tempo do golpe de tesoura e pode considerar-se quasi correcta, apenas comentável na posição relativa dos braços, embora sobre os seus movimentos se não possa estabelecer regra estrita, porque dependem das condições de equilíbrio, variáveis para cada saltador.

1—A perna da frente recua estendida, posição que é a mais eficaz para assegurar o apoio eficiente ao esforço de deslocação anterior e ascensional da outra perna.

2—A perna de chamada avança em forte flexão, talvez exagerada flexão, e o joelho vai seguir a curva pontuada, descrevendo um arco de trajectória ascendente, assim muito menos nervoso — mas igualmente impulsivo — do que sendo executado com a perna no prolongamento da coxa.

3—Os braços seguem directamente, um para cima e o outro para baixo; se a trajectória do primeiro se compreende dentro da ligação dos movimentos compensadores, a descida em plano vertical do outro não se coaduna logicamente com as necessidades gerais de equilíbrio. Este braço direito deveria deslocar-se mais em afastamento lateral, para assegurar facilidade de retorno na fase imediata de flexão anterior no agrupamento para a queda.

5—A extensão do tronco à rectaguarda, podendo parecer estranha, é normal corresponde ao esforço dorso-lombar para ajudar a propulsão da perna direita e ao qual se seguirá a contracção dos abdominais, para flectir o tronco sobre os membros inferiores e desviar para diante o centro de gravidade.

58—Emídio Ruivo, campeão do lançamento do peso

1—A extensão impulsiva do braço vai começar e o tronco está ainda virado para a direita do círculo, devendo estar perfeitamente de face para o campo de lançamento; assim, falta ao esforço extensivo do braço a resistência do ombro e da cintura escapular.

2—A culpa é da perna direita, que não empurrou suficientemente a anca, para garantir a rotação da bacia e levar todo o corpo em extensão ao plano de apoio do pé esquerdo (linha pontuada). O recuo do tronco indicado em 3 é motivo suficiente para que seja perdida toda a solidez de resistência sobre a qual se apoia o impulso de projecção.

4—A posição do pé, com a ponta desviada para a di-



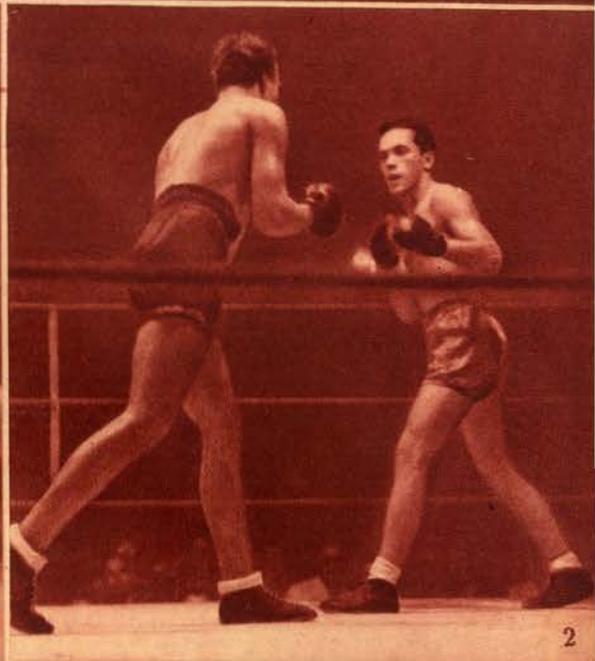
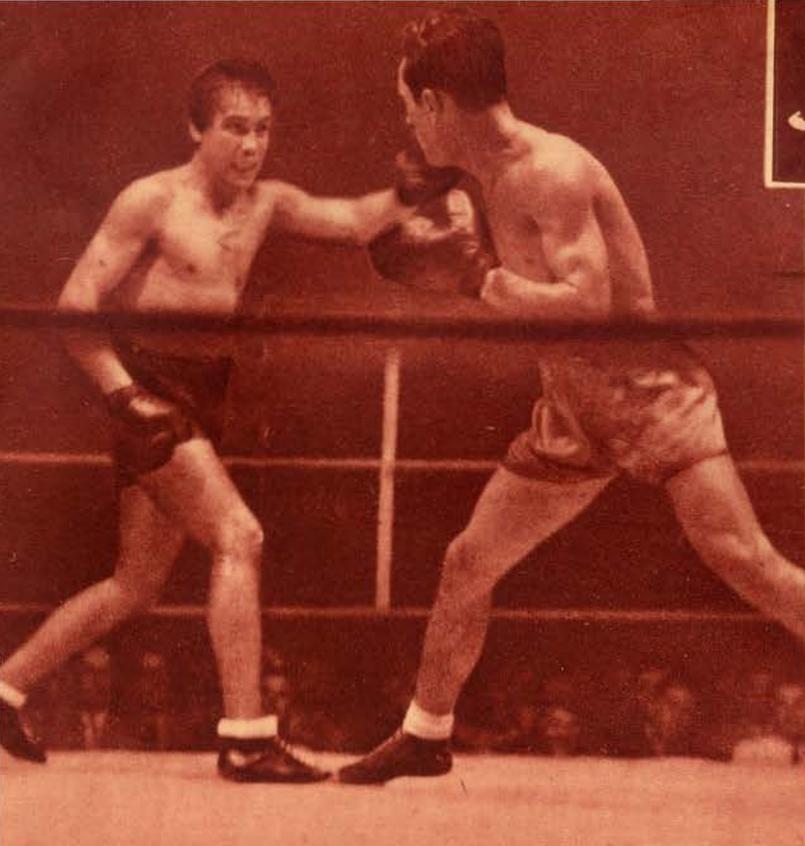
reta, entrava a extensão indispensável do joelho. A seta indica a direcção preferível.

5—A falta de acção da perna direita, apesar da sua completa extensão e da elevação do calcânhar, prova que é demasiado o afastamento final dos pés.

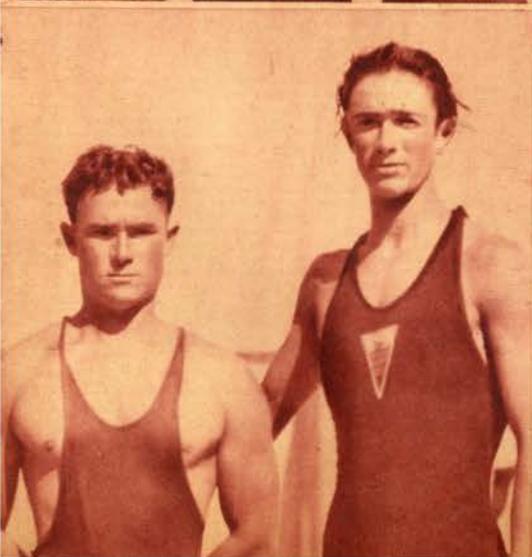
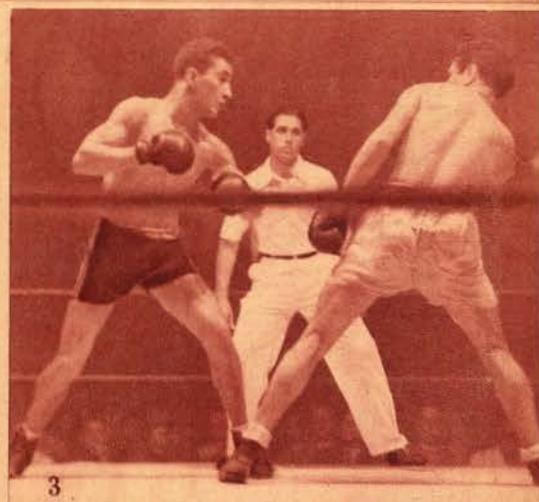
6—Nesta posição o cotovelo parece mais baixo do que o conveniente, pois devia estar exactamente à mesma altura do ombro; a palma da mão também se apresenta voltada para cima, quando a direcção correcta era francamente para diante.

7—O esforço do braço esquerdo é insuficiente; o ombro ficou subido e avançado, embora presumivelmente venha ainda (mas tarde) a descer e recuar.

A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



PUGILISMO — Aspectos da última sessão; 1 e 2 — Fases do combate entre Guilherme Martins e António Silva; 3 — No «match» Valente Rocha — Rebordão. NATAÇÃO — Nos campeonatos regionais: 4 — Mário Simas, Oscar Cabral e António Carvalho, respectivamente vencedor, 2.º e 3.º classificados nos 200 metros-livres, seniores; 5 — Baptista Pereira e Belmiro Santos, que conquistaram os 1.500 metros em seniores e juniores. VELA — Regatas internacionais na Costa do Sol; 6 — Na homenagem aos velejadores do Real Club Náutico de Vigo, promovida pela Associação Naval. O momento da entrega, feita por D. Salvador Alonso, da Cruz de Santiago de Compostela oferecida à A. N. L.



O festival militar de Educação Física

constituiu uma prova brilhante do valor do desporto na preparação física do soldado
Um espectáculo grandioso

O Estádio Nacional voltou a estar em festa, no domingo passado. No mastro de honra, subiu, de novo, a bandeira verde-rubra do País — e houve novamente flâmulas garridas a ondular ao vento, no topo dos postes que ladeiam as bandeadas. O motivo foi o mesmo — e não arrefeceu a vibração popular, de Junho para cá. O primeiro festival teve por base a juventude que é preciso educar na prática e no culto dos desportos. E a jornada de domingo coube ainda à juventude, mas especialmente àquela que se apresta para a defesa da Nação, e que findou, no domingo, o seu noviciado no Exército. Entre as duas festas só houve diferenças sensíveis no que respeito ao tempo. A inauguração efectivou-se num dia sol. E no domingo a tarde esteve irregular, com vento forte e alguma chuva.

O festival de domingo foi, na sua essência, a apoteose final dos campeonatos militares de desporto e ginástica. Este ano encarou-se com melhor visão o valor dos desportos e da ginástica na preparação física do soldado. Não houve apenas o trabalho dos monitores. Houve, fundamentalmente, acção — a acção porfiada, oportuna e brilhante, de alguns professores. Procurou dar-se ao recruta a preparação mais adequada às características do trabalho rude do soldado — em adestramento físico, flexibilidade muscular, coragem, valentia, espírito de dedicação, disciplina — ou seja em tudo que, fazendo do recruta um soldado forte, pode contribuir para a formação de um Exército forte.

Passaram talvez um tanto despercebidas as provas disputadas em cada região, como os próprios campeonatos nacionais. São coisas que, em geral, não saem completamente dos quadros e das casernas. Têm, no entanto, um valor que não deve ser desconhecido do grande público. O Exército pode e deve ser uma grande escola — durante o tempo do serviço militar, com reflexo na vida civil. Havia por isso conveniência em dar ambiente de festa nacional à última fase das provas deste ano.

Correu bem a preparação do festival e o público soube corresponder à iniciativa. Nem mesmo a chuva que caiu cerca das 15 horas o afastou do caminho para o Estádio Nacional. Fê-lo apenas retardar um pouco, a ver em que paravam as modas... E começou o caminho. Apareceu, porém, mais tarde.

Às 16,30 horas, quando começaram a aparecer as formações na Praça de Maratons, havia ainda limitado público. Mas afiu, em duas filas, dispersando-se pelos corredores, à procura dos lugares. À frente das formações alinhou um grupo de corneteiros e a guarda de honra em campo. As primeiras classes de ginástica, tronco nu e calção branco, estavam já em forma, na recta-guarda. Visto este conjunto, das bandeadas, oferecia um aspecto curioso, a que dava mais realce a fila das bandieiras, para o lado dos cerros que se alongavam até Carnaxide. O panorama era talvez um pouco duro para o lado do campo. Apenas umas filas de árvores a marcar alguns caminhos — e a demarcar uma ou outra zona de arborização mais densa.

Depois das 17,15 horas, começou a movimentação da guarda de honra e das classes de ginástica. A guarda de honra tomou posições no topo sul do

rectângulo. E as classes aproximaram-se do ponto de onde deviam partir. Havia já mais público, mas não cessava a sua entrada, por ambos os lados. No móro da Pyra, as baterias de defesas-anti-aéreas, interpostas, na crista do monte, entre o Estádio e o Tejo, pareciam silhuetas no espaço...

Quando o sr. General Oscar Carmona entrou nas tribunas de honra, começou a festa — em beleza e vibração. A banda da Guarda Republicana tocou a «Portuguesa» e as baterias deram a salva do estilo e o público acolheu, com palmas, a presença do Chefe do Estado. Com ele entraram também o Dr. Oliveira Salazar, Presidente do Conselho e Ministro de Guerra, Dr. Mário Pais de Sousa, Ministro do Interior, Comandante Ortinas de Bettencourt, Ministro da Marinha, e outras entidades públicas de grande destaque. Houve, nesta altura, ambiente de apoteose. Um vento de alegria peiron sobre o Estádio, enquanto alguns aviões sobrevoavam o campo.

Não demorou a primeira sessão de ginástica, por 1.600 recrutas das unidades de Artilharia, Cavalaria, Engenharia e Administração Militar, sob o comando do sr. capitão Veiga Cardoso. O tempo da recruta não fora além de 4 meses e a maior parte dos soldados nunca tinha feito ginástica. A sua exibição constituiu, por isso, uma surpresa muito agradável. Tudo certo — e afinado. Excelente conjunto, a atestar o mérito do professor. Desfilaram, por fim, frente à tribuna de honra, entre prolongados aplausos.

Às 18 horas é que o Estádio Nacional se encheu cheio, sem clareiras entre o público. Uns 1.500 recrutas de Infantaria, fizeram, sob a direcção do sr. capitão Pereira de Castro, uma exibição de ginástica aplicada, com os recrutas devidamente equipados e armados. Fez com uma demonstração de corrida de obstáculos, numa série que incluía vares, sebes, barreiras e cancelas. A demonstração agradou bastante — e foi realmente curiosa, em mais de um aspecto. E teve também interesse a exibição da classe da Defesa Anti-aérea de Lisboa, por 800 recrutas, com uma trave segura por grupos de 8 soldados. Trata-se de uma sequência de exercícios destemidos a desenvolver a força física do soldado, bem como a sua coragem e o equilíbrio.

A estafeta não despertou entusiasmo que correspondesse ao seu significado e ao seu objectivo. Foi disputada num percurso de 500, 300, 150 e 80 metros, na pista de atletismo. Ganhou, muito bem, com uma superioridade afirmada em avanço e em melhor técnica, o grupo de Aeronáutica, seguido pelas equipas de Infantaria, Engenharia, Artilharia e Cavalaria. Foi a única prova desportiva, mas as equipas correram equipadas e transportando a espingarda. Alguns dos percursos tiveram beleza atlética.

A parte final do festival destinou-se à consagração dos campeões regionais e nacionais do Exército Português — à alocação ao Exército, vibrante e patriótica, pronunciada pelo sr. general Pereira dos Santos, ilustre Major General. Os campeões alinharam todos, uns com equipas de desporto, outros fardados, em frente da tribuna de honra — e fizeram a saudação olímpica enquanto os seus representantes subiam à tribuna, a receber os prémios ganhos em handball, basket, volley-ball, cortina-mato, tiro, natação e esgrima.

Tudo isto se fez entre aplausos do público, em homenagem aos atletas que se destacaram nas feições do Exército. O espectáculo ganhou porém maior grandiosidade quando todos os destaques entraram com apuro, no tpe verde do rectângulo de futebol, para a Evocação do Exército, nas suas glórias em defesa da Nação. Entre as diversas evoluções, merece realce a Cruz de Cristo feita, como símbolo do Exército, a meio do terreno: pelas classes de ginástica — umas equipadas de camisola encarnada, outras equipadas apenas de branco. E o festival fechou com abrio — ao som da «Portuguesa», cantada em cântico — e com novas salvas dadas, do móro alto da Pyra, pelas baterias de defesa anti-aérea.

MÁRIO DE OLIVEIRA

Barreira de Sol

CAMPO PEQUENO, 17 DE AGOSTO

A corrida do dia 17 veio mais uma vez confirmar o contra-senso da lide de toiros de casta no primeiro estado, sem o indispensável castigo de dois ou três puyazos que lhes compoñham a cabeça e dêem a medida exacta do seu comportamento no referente a bravura.

Casta e temperamento, revelaram por forma eloquente os oito belos exemplares enviados pelo sr. Pinto Barreiros, terceiros mas de boa apresentação. Quanto à forma por que se comportariam em lide normal, está-nos vedado sabê-lo.

Pelo que fica exposto, a corrida perdeu logo de início o interesse. Investindo mal com os capotes e bandarilhados de qualquer forma, os toiros chegaram à muleta sem a devida preparação. Aparte alguns luzidos lances à verónica e de «frente por detrás», e alguns passes Isolados do já veterano e bem castigado Estudante, merecem registro especial alguns excelentes lances de capote de Manolete, rematados com as suas magistrais melas verónicas, modêlo de suavidade e mando, e a sua faena do último toiro, que o colheu aparatosamente ao iniciar a segunda das clássicas e cingidas manoletinhas. O mexicano El Soldado, que em épocas anteriores logrou apreciáveis êxitos no Campo Pequeno, reapareceu pouco confiado e com visível perda de facultades. De todo o seu trabalho apenas merece registro um bom par de bandarilhas.

José Casimiro teve desta vez «el santo de espaldas». Ao entrar de cara para cravar o seu primeiro ferro, a montada não lhe obedeceu e precipitou-se sobre o toiro, do que resultou uma violenta e aparatosa colisão de cavalo e cavaleiro. Mal feito, quiz este honrar o seu brio profissional, montando outro cavalo e cravando ainda alguns ferros, apesar de fortemente contuso. O seu segundo toiro foi vulgarmente bandarilhado por artistas nacionais. Entre estes, merece referência os bons peões de brega Procópio e Correia, e também Joaquim Oliveira, que colocou um excelente par de bandarilhas num dos toiros lidados pelos espadas.

J. E.

O PEDROUÇOS

comemora as suas bodas de prata

O Clube Sportivo de Pedrouços encontra-se presente em festa, comemorando o ano das bodas de prata.

Organizou para isso um programa variado, interessante, abrangendo todas as actividades do clube, de forma a demonstrar o constante trabalho de dirigentes e dirigidos. E para início das comemorações ofereceu o Pedrouços aos delegados de alguns clubes e organismos lisboetas, e aos representantes da Imprensa, um «Porto de honra», no qual Stadium esteve representada pelo coosso camarada Abreu Torres.

Com cativante gentileza, os directores do Pedrouços que se encontravam presentes — Rui Santos e Luiz Alves Miguel — aproveitaram a oportunidade para mostrar aos visitantes as obras em curso na sede, especialmente o «lar» por eles criado para os rapazes da rua — obra humanitária e de grande alcance social.

Verifica-se, assim, que o Pedrouços é uma agremiação que pretende, acima de tudo, nortear-se pelos seus princípios que caracterizam os verdadeiros desportistas e que tem abertas as suas portas aos homens de boa vontade.

Dando cumprimento ao programa de festas, o Sportivo de Pedrouços traz presente em disputa três torneios inter-sócios: um de lance livre, em «basketball», um de bilhar e outro de «tênis de mesa».

Nã passada quinta-feira apresentaram-se, com agrado geral, os componentes do curso nocturno de natação que o Pedrouços este ano mantém, pela primeira vez, com elevada frequência e óptimos resultados.

CARTÕES DE LIVRE-TRANSITO

Começamos a receber os habituais cartões de livre-transito dos clubes, para a época de 1944/45. Registamos a amável oferta dos enviados pelo Clube Atlético de Campo de Ourique, a que precede actualmente o sr. Bemvindo Cardoso, e pela Empresa de Melhoramentos de Espinho, para a sua excelente piscina. Agradecemos.

Concurso hipico de Mafra

De 2 a 6 e de 6 de Setembro próximo disputam-se em Mafra as provas do V Concurso Hipico, organizado pelo Depósito de Remonta, em benefício da assistência pública local.

No primeiro dia effectuam-se as provas «Depósito de Remonta» e «Escola Prática de Infantaria» (Omniuno), a primeira para argentes e fúries e a segunda de inscrição obrigatória para todos os cavalos que tomem parte nas restantes. No segundo dia, formam o programa as provas «Gremio da Lavoura», e «Camara Municipal de Mafra» (Grande Prémio). No terceiro disputam-se as competições «Direcção Geral dos Serviços Pecuários», para cavalos nacionais, «Ministerio das Finanças», reservada a cavalos importados, e «João Jorge da Silva» (Amazonas). Finalmente, o último dia regista as provas «Serviço de Remonta» (caja), «Despedida» e «Sub-Secretario do Estado da Guerra» (Taça de Honra).

O programa foi elaborado de forma cuidada e é facil de prever que o Concurso Hipico de Mafra voltará a registar grande êxito e forte concorrência.

○ Sporting Club Olhanense fundou-se em 1909, embora a sua existência oficial date de 27 de Abril de 1912.

Recordar os primeiros tempos do Olhanense é lembrar figuras da época das balizas às costas, no Algarve, na província das amendoiras floridas, das lendas formosas de mours encantadas e das praias lindíssimas do sul. Recordemos algumas dessas figuras de Olhão: Amâncio Salgueiro Júnior, formado em farmácia, dr. Sérgio Pereira, advogado em Viseu, dr. Sertório Sena, médico dos hospitais de Lisboa, Paulo Mendes, industrial, e o próprio comprador das balizas, João Lucas Mateus, pai de Osvaldo, jogador da Cuf de Lisboa. As primeiras balizas foram feitas com madeira de uma corveta que deu à costa. E os primeiros jogos disputaram-se no Largo das Prainhas, sendo a sede ao ar livre. As despesas eram pagas por subscrição. Bons tempos...

Foi na segunda fase de existência do Olhanense — de 1913 a 1917 — que o clube teve uma equipa das melhores que têm passado por Olhão. Formaram-na, entre outros, Paulo Castelo, italiano, excelente guarda-redes, Francisco Alves, Armando Amâncio, Trigos Nobre, Silva, Revez, José Rasco Domingues, Francisco Prêto, João Lucas. Os últimos anos da primeira Grande Guerra Mundial provocaram uma estagnação quase completa, nos clubes algarvios.

Em 1919, Manuel Jorge, presentemente ainda director do Olhanense, e seu irmão, José Marcolino Jorge, reorganizaram o clube. A contra-loja do estabelecimento de ambos servia de sede, vestiário e balneário. O Manuel Jorge era como que o «pai» de todos, sócios e jogadores, dentro do clube. E ainda agora é conhecido no Olhanense pelo «pai Jorge». É uma figura histórica no clube.

O PRIMEIRO CAMPO

Foi graças aos esforços de Manuel e José Marcolino Jorge que o Olhanense alugou a «Cêrca D. Maria Ventura», em virtude do Largo das Prainhas estar muitas vezes inundado com a cheia das marés. Para esse efeito, promoveu-se uma subscrição, a qual rendeu 480\$00. Era pouco, mesmo para o ano em que o caso se deu. Com a ajuda dos sócios e dos jogadores, e com a cedência de uma junta de bois, pela importante casa Fialho, conseguiu-se, por fim, preparar o terreno.

Com este campo tomou o Olhanense parte, pela primeira vez, em jogos oficiais, em 1921, na disputa do campeonato regional, a que concorreu com primeira, segunda e terceira categorias. O Sporting Clube Olhanense concorreu, portanto, ao primeiro campeonato organizado pela actual Associação de Futebol do Algarve. E ganhou o cam-

CLUBES DA PROVÍNCIA

SPORTING CLUBE OLHANENSE

Campeão de Portugal em 1923-24 e campeão do Algarve pela 6.ª vez consecutiva

peonato de primeiras categorias. Começou, pois, bem.

UM PERÍODO DE PROGRESSO

Em 1922, entrou para a direcção Cândido do Ventura. A ele se deve a iniciativa de construção do Estádio Padinha, dando-se este título em homenagem ao falecido campeão de luta e pêsos e alteres Francisco Padinha, distinto desportista algarvio, embora representando o Ginnásio Clube Português.

Deve-se também a Cândido Ventura um notável esforço no sentido de valorizar as equipas do Olhanense. Foram para Olhão jogadores da capital e de outros clubes. E, na época de 1922-23, arranjou-se o primeiro treinador — Rogério Peres, que se distinguira no Sport Lisboa e Benfica, como jogador de segundas categorias.

O «onze» de honra do campeão algarvio tinha, nessa altura, a seguinte constituição: Carlos Martins; Américo e Falcate; Fausto Peres (irmão de Rogério), Raúl Figueiredo (Tamanqueiro) e Montenegro; Cassiano (Dámaso da Encarnação), Belo, J. Galho José Carlos Delfim e Júlio Costa.

CAMPEÃO DE PORTUGAL

Este «team», treinado primeiro por Rogério Peres e depois por Júlio Costa, criou um tipo de jôgo que fez escola no Algarve e deu ao Olhanense o título glorioso de campeão de Portugal, em 1923-24. A equipa algarvia bateu, sucessivamente, o Vitória de Setúbal, por 1-0, o Sporting de Tomar, por 6-0, e o Marítimo do Funchal, por 5-1. Na final bateu o Futebol Clube do Porto, por 4-2, com «goals» marcados por Delfim, Galho, Belo e Raúl de Figueiredo.

Registamos, seguidamente, outros títulos ou resultados obtidos pelo Olhanense neste período, o mais brilhante de toda a sua existência:

Campeão regional de 1.ª categorias em 1923-24, 1925-26 e 1926-27; de segundas categorias em 1925-26, e de terceiras na mesma época; vencedor da «Taça Algarve», prova que precedia o campeonato regional, de 1923-24 a 1927-28; e semi-finalista do campeonato de Portugal em 1924-25 e 1925-26.

Foi nesta fase de grande progresso que subiram a internacionais alguns dos seus jogadores — Raúl de Figueiredo, José Car-

los Delfim e Domingos das Neves. Raúl de Figueiredo, que se popularizou com o nome de Tamanqueiro, brilhou em jogos internacionais e no Sport Lisboa e Benfica, falecendo ainda muito novo. Delfim foi internacional quatro vezes e continua em Olhão. Domingos das Neves voltou para Setúbal. Raúl de Figueiredo acompanhou o Vitória de Setúbal na sua viagem ao Brasil. Jaime Viegas, que substituiu «Tamanqueiro» a médio-centro, veio também a ser seleccionado para um jôgo contra a Bélgica.

TRANSE DE DECLÍNIO

Com a saída de Cândido Ventura para o estrangeiro, o Olhanense decaiu imenso. Mesmo assim, conquistou novamente o título de campeão regional em 1930-31 e 1931-32, e abriu uma série de vitórias consecutivas, desde 1938-39 até à última época. E não perdeu nunca o costume de ter treinador para as equipas de futebol.

Júlio Costa treinou o clube de 1923 a 1927, Dámaso da Encarnação (Cassiano) de 1930 a 1940, José Mendes, em 1941-42, Desidério Hertzka, em 1942-43. Desde 1943, são estas funções desempenhadas por Cassiano e José Mendes. Este último esteve agora em Lisboa, no curso de aperfeiçoamento de treinadores.

OUTRA VEZ EM PROGRESSO

O Olhanense criou, entre a sua massa associativa, condições para vencer a crise de declínio.

A partir de 1930, voltou a ser campeão regional. Com uma direcção da presidência de Joaquim Simões Chumbinho, que foi director da Federação Portuguesa de Futebol, ganhou, em 1935-36, o título de campeão da II Liga, batendo o Salgueiros, do Porto, por 2-1. Em 1940-41, ganhou o Campeonato Nacional da II Divisão, derrotando o Leça, do Porto, por 4-1.

Data de 1940 o início de um outro período áureo, feito principalmente à custa de um trabalho de profundidade, na preparação de todas as equipas de futebol e na movimentação de outras modalidades.

Em 1942-43, entrou, pela primeira vez, no Campeonato Nacional da I Divisão, entrando com a sua «reserva» no campeonato da II Divisão. Foi feliz, em qualquer dos torneios. Marcou posição de relêvo. E tem-na mantido.

Este ano ganhou os campeonatos regionais de 1.ª categorias e «reservas»; classificou-se em 1.º lugar, à frente do Belenenses, no Campeonato Nacional da I Divisão; e teve pouca sorte na «Taça de Portugal», deixando-se surpreender pelo União de Coimbra, num jôgo disputado naquela cidade.

Foram obreiros deste novo progresso José dos Santos, Roque Ponce, Renato Nobre e o actual presidente, Lourenço Mendonça.

OUTROS DESPORTOS

O Olhanense já praticou atletismo, natação, «water-polo», ciclismo e «basket-ball», desporto em que representou o Algarve no Campeonato da Liga, em 1933-34, jogando em Lisboa, contra o Campolide.

Estas modalidades quasi que paralizaram no clube. Uma das preocupações da actual comissão administrativa é pô-las novamente em actividade, transformando o Olhanense num clube eclético, no mais amplo sentido da palavra.

AS INSTALAÇÕES E OS SÓCIOS

Como instalações para desportos tem o Olhanense, actualmente, com o Estádio Padinha, um ginnásio e uma sede, oferecendo esta sede a particularidade de ter um café-



Um episódio da vida do Olhanense, no tempo do popular «Tamanqueiro»: Pedro Machado, presidente da A.F.A., entrega a taça do campeonato algarvio a Raúl Figueiredo, então capitão do «team», enquanto Oliveira e Costa, também director da Associação, abraça o excelente jogador

(Continua na pág. seguinte)

«O Olhanense vai dedicar-se a outros desportos e transformar-se num clube eclético»

afirma o sr. Lourenço Mendonça, presidente da Comissão Administrativa

PRESIDE actualmente ao Sporting Clube Olhanense o sr. Lourenço Mendonça. Sendo ainda novo, o presidente do campeonato algarvio é, no entanto, um antigo dirigente desportivo. Aos 17 anos, fundou, com os irmãos Domingos, Artur, João e António Fernandes, o Clube Desportivo Marítimo Olhanense. A actividade desenvolvida por Lourenço Mendonça se ficou devendo um dos mais brilhantes períodos da natação no Algarve. Por esse clube passou José Lemos, nadador valoroso que representou a natação algarvia em provas de fundo, nas travessias de Lisboa, organizadas pelo Sport Algés e Dafundo, e na Travessia do Pôrto, classificando-se no lote dos nadadores do primeiro plano, ao lado de Bessone Basto, Basílio dos Santos, Luís Alves Miguel e António Soares, entre outros.

Como desportista, ganhou Lourenço Mendonça o primeiro torneio de ténis de mesa que se organizou em Olhão. Foi, também, jogador de futebol, tenista e nadador. O presidente do clube é conhecido, não só como dirigente do Olhanense há cinco anos, mas ainda como director da Associação de Futebol de Faro, onde a sua acção tem agradado a todos os clubes filiados, pelas qualidades afirmadas no desempenho destas funções.

O sr. Lourenço Mendonça foi procurado na fábrica que dirige superiormente. Ape-
sua de assoberbado com vários trabalhos, prestou-se a atender o representante da «Stadium», tendo até palavras do maior elogio para a obra que a «Stadium» vem realizando, e de agradecimento pelas referências amigáveis que esta revista tem dispensado, justificadamente, ao Olhanense. Indicado os motivos da nossa visita, começou o sr. Lourenço Mendonça por afirmar que, sob o ponto de vista imediato, a preocupação dos directores do Olhanense é alargar o número de desportos a que o clube se dedica. «Queremos um clube eclético — e que baseie a sua acção no ensino e na prática de ginástica, afirma o sr. Lourenço Mendonça. Com esse objectivo, contratámos o professor de ginástica do Liceu de João de Deus, de Faro, dr. João de Barros. O novo professor principiou no mês passado a sua actividade no nosso clube.

«O dr. João de Barros deve vir também a ser o nosso técnico de atletismo. Tencionamos concorrer no próximo ano aos campeonatos nacionais de atletismo, nas categorias que correspondam ao valor evidenciado até lá, contando o clube com rapazes de muita habilidade. Quanto a «lawn-tennis», andamos em negociações com o Grupo de Ténis, no sentido de se fazer a sua fusão com o Olhanense.

«Como desporto de maior expansão, é e será o futebol que terá a nossa melhor atenção. A categoria de honra, para a próxima temporada no popular desporto, deve ser quasi a mesma da época transacta.

«O nosso futuro, espero eu, e esperam todos no clube, que seja longo. Não falta matéria-prima, em Olhão. Joga-se futebol em todos os recantos da vila. Temos um grupo de juniores que não nos deve envergonhar, no primeiro campeonato nacional. Com o auxílio, dedicação e competência dos nossos treinadores — Cassiano e José Mendes — espera o Olhanense fazer escola, boa escola.

«Na próxima temporada, aparecerá gente nova, na «reserva» do clube. Apresentaremos um grupo de jogadores novos. É pena, porém, que não encontremos mais luta, no Algarve, em «reservas». Na última época, só fizemos três ou quatro jogos, no campeonato regional, por falta de adversários, nesta categoria. A Associação de Futebol de Faro quis organizar uma prova no género da «Taça Artur

José Pereira», mas apenas o Olhanense se inscreveu.

Numa referência directa aos últimos torneios, diz-nos o sr. Lourenço Mendonça: «De uma forma geral, fomos infelizes nos desafios que disputámos em Lisboa, maior sendo por isso o nosso reconhecimento pelas palavras amigas que a Imprensa da capital dispensou à nossa equipa, não esquecendo, entre elas, as de Tavares da Silva, distinto jornalista, nas colunas da «Stadium».

Quanto a projectos, ou a problemas em estudo e marcha, o que mais interessa de momento é o que respeita à nova sede. E o presidente do Olhanense diz: «Pensamos numa sede à altura do valor afirmado pelo clube. Para a nova sede, adquirimos já o terreno onde esteve instalado o cinema «Salão Apolo». Teremos um amplo salão, no rez-do-chão; vastíssimo ginásio no primeiro andar, onde também ficam o Pósto Médico, gabinete da Direcção, Biblioteca e «Escola». O segundo andar será destinado a uma pensão decente.



Lourenço Mendonça

«Trataremos, assim, de alargar a nossa acção, no campo cultural e social. Dentro deste programa, haverá uma escola nocturna para sócios adultos, e estamos organizando uma cantina para os atletas desempregados.

«Independentemente da sede, pensamos num parque de jogos com «rink» de patinagem, campo para «basket», piscina, etc.»

E o sr. Lourenço Mendonça diz ainda: «O Estádio Padinha deve ser «sacrificado», no plano de urbanização da vila. Quando tudo estiver assente é que resolveremos o caminho a seguir — construção de bancadas, ou novo campo. Para esta obra, teremos de contar com todos os sócios e com o valioso auxílio de todas as entidades oficiais.

As últimas palavras do sr. Lourenço Mendonça, nesta entrevista, são ainda de confiança — no clube e na sua projecção na província e no país.

SPORTING CLUBE OLHANENSE

(continuação da pág. anterior)

—bar para os sócios, na principal artéria da vila. Dispersos por diversas estantes, conta o Olhanense cerca de 200 taças ou prémios.

A população associativa anda à volta de um milhar de sócios. E há uma classe especial para senhoras. Ao público feminino deve o clube algarvio grande parte do ambiente de simpatia que o rodeia quando joga na sua província.

O Estádio Padinha foi adquirido pelo clube, em 30 de Dezembro de 1943. Após a sua compra, construíram-se balneários que são certamente dos melhores que existem nos campos de futebol do país. Arranjou-se, também, uma vedação nova, mais decente. Construiu-se, ainda, um «marcador», para registo da marcha dos pontos durante a realização de qualquer jogo. E melhorou-se a visibilidade dos espectadores, em todo o campo, com a construção de planos inclinados. Ficou tudo mais bonito — e melhor.

A última época para o Olhanense

Espero que a próxima temporada permita ao clube corresponder melhor às suas gloriosas tradições — disse ABRAÃO, capitão do «onze» de honra.

O actual capitão de primeira categoria de Olhanense é o seu guarda-rédes, José Abraão Palma. Tem 24 anos e joga no clube há 12. Começou, pois, no infantil. Alinhou, primeiro, em todos os lugares do ataque. Aos 15 anos fixou-se, porém, no pósto de guarda-rédes. E tem excelentes qualidades, para aquele pósto, onde tem brilhado, em muitas tardes. É empregado industrial.

Ouvindo Abraão sobre o que foi a última época oficial de futebol, disse, de entrada, que o campeonato regional não decorreu tão facilmente como esperava. Logo de princípio — acrescenta — sofreu uma derrota, contra o Farensense, devida principalmente à falta de defesa esquerdo. O jogador substituído não deu o rendimento necessário para manter o equilíbrio da defesa. Reagimos, porém, oportunamente. E conseguimos de novo o título de campeão regional, com absoluta justiça.

Acérea do campeonato de Portugal, respondeu: «O campeonato não nos correu de feição, por isso que o Olhanense poderia ter conseguido melhor classificação. Devíamos ter ganho um jogo contra o Futebol Clube do Pôrto e outro contra o Vitória de Guimarães. O nosso azar nestes dois encontros foi manifesto».

A sua análise incidiu depois sobre a «Taça de Portugal»: «É uma prova interessante, cheia de surpresas. Nos desafios deste torneio tem muita influência a sorte. E em geral os clubes vão para esta prova um pouco fatigados, por causa dos esforços e das deslocacões a que obriga o Campeonato de Portugal».

Abraão refere-se especialmente ao primeiro jogo com o União, em Coimbra, e não se desculpa com qualquer dos seus companheiros da equipa: «Houve confiança em demasia — e eu tive uma exhibição desastrosa. Foi o pior jogo que eu fiz».

«No balanço geral da época — continua o capitão do Olhanense — posso dizer que foi muito regular. Espero, no entanto, que a próxima temporada seja mais brilhante e que o Olhanense corresponda melhor às suas gloriosas tradições, elevando bem alto o nome da sua terra e da linda província algarvia.

«De todos os desportistas do país, tem o Olhanense recebido provas de estima e consideração, provas que nunca mais esquecem. Distinguímos, todavia, em especial, o público lisboeta, amável e acolhedor, que sempre nos tem acarinhado. Haveria pois ingratidão se eu não aproveitasse este ensejo para lhe apresentar, publicamente, os agradecimentos de todos os jogadores».

O Olhanense adquiriu, recentemente, o terreno onde esteve instalado o Cinema Salão Apolo, para a construção de uma sede monumental. Para as respectivas despesas, conta o Olhanense com o apoio e valioso auxílio do presidente da Câmara Municipal de Olhão, Ex.^{mo} Sr. José Martins Xavier, bem como do presidente da Junta Provincial do Algarve, dr. José Nascimento, antigo jogador da Associação Académica de Faro e antigo director da Federação Portuguesa de Futebol. Do projecto da nova sede está encarregado o architecto Jorge de Oliveira, considerado um dos melhores valores da nova geração.

O Olhanense tem a dirigi-lo, até ao fim do ano, uma comissão administrativa composta por Lourenço Mendonça, presidente, José Lopes da Silva, vice-presidente, José Tomás da Graça, secretário geral, José Águas Pratas, tesoureiro, e Manuel Jorge, vogal.

A terceira jornada dos campeonatos de seniores foi de todas a mais fraca em resultados, mas nada ficou a dever às precedentes no entusiasmo da competição e no esforço dos concorrentes para conseguirem os melhores resultados.

É um ponto que se deve frisar, ao apreciar o balanço final dos campeonatos, esta lealdade, boa camaradagem e desportivismo dos nossos atletas, com os quais se verifica a circunstância geral de serem adversários acérrimos durante as provas e amigos que se estimam logo que deixaram de ser adversários.

Dão, sob este aspecto, uma lição de desportivismo ao público clubista — considerado na generalidade — onde com frequência surgem manifestações extemporâneas ou deselegantes. É legítimo e louvável aplaudir os favoritos e regosijar com as suas vitórias, mas nunca se compreende o achincalho ao competidor batido, ou a dúvida sobre a honestidade alheia quando a nossa opinião, ou melhor, o nosso desejo, diverge da realidade e da justiça.

Depois deste comentário, que melhor é uma impressão geral deixada pelo conjunto das três jornadas do campeonato, passemos a analisar o que foram e valem as provas de domingo.

Como prevíamos, como até nos admirou que há mais tempo não houvesse sucedido, a equipa do Benfica fez valer a autoridade dos seus campeões consagrados e terminou na vanguarda da classificação colectiva com uns bons 18 pontos de avanço sobre o seu grande rival. Esta decisão final não pode causar surpresa a ninguém que julgasse com antecipaada isenção a realidade das forças em confronto. Se surpresa houve, foi o comportamento bruto dos sportinguistas que a provocou, dando réplica equilibrada a uma equipa incontestavelmente melhor apetrechada.

O Sporting empenhou-se este ano num esforço de renovação ao qual toda a crítica rendeu justa homenagem; mas não podia contar com os seus novatos para defrontar homens de classe feita — e por isso não podia manter aspirações de derrotar o actual melhor conjunto atlético do país, onde alinham campeões da categoria de Matos Fernandes, que disputou oito provas e ganhou quatro títulos; Martins Vieira, exemplo de entusiasmo e persistência; Fernando Ferreira, João Silva e tantos mais.

Não pode omitir-se nesta apreciação de conjunto um aplauso ao punhado de raparigas do Belenenses e do Sporting que participaram nos campeonatos femininos, com particular incidência para Olga Ribeiro e Francina Motta, que nas suas provas de barreiras e lançamento do dardo elevaram os «records» nacionais de categoria — meramente simbólica, mas agradável — de «records» ibéricos.

Francina progrediu muito na técnica do lançamento e, com maior domínio de nervos, alcançará ainda esta época melhor marca.

Benfica, campeão de seniores, aumentou a vantagem na última jornada

Comentários técnicos pelo Dr. SALAZAR CARREIRA

O mesmo se pode dizer de Olga Ribeiro, cujo percurso final da estafeta foi empolgante, arrancando uma vitória para a qual recuperou quatro metros, pelo menos, à vencedora dos 60 metros individuais; não surpreenderá que no percurso dos Nacionais, domingo próximo, baixe ainda o seu «record», embora esteja por enquanto muito longe da perfeição na passagem da segunda perna e e haja entre barreiras um encurtamento de passo que consideramos prejudicial e desnecessário.

As corridas e os concursos

A prova de 100 metros reuniu apenas cinco participantes — penúria extrema — pelo que foram dispensadas eliminatórias.

A corrida foi modificada por destilse evidente do juiz de partida — no melhor pano cai a noção e o caso não passa de incidente banal e inevitável nos torneios de atletismo — que deixou fugir Fernando Ferreira muito antes do tiro, abalando com mais de um metro de avanço. Houve hesitação nos restantes, possivelmente no próprio culpado involuntário, porque o tempo foi dos piores, mas não houve chamada atrás e o resultado ficou válido. Conforme prevíamos, foi Manuel Nuncio quem se mostrou mais rápido, mas devemos levar em conta que Lourenço alinhou doente, incapacitado, melhor dizendo, e tanto Eleutério como Ferreira correram com autoridade impressionante; Abrunhosa fraquejou bastante nos últimos vinte metros.

A corrida de 300 metros deu lugar a novo duelo entre os dois grandes rivais do campeonato, com embate de táticas, em que Matos Fernandes leuou nitidamente a melhor, com um fim infeliz, mas que não se deve avolumar além do que na realidade representa: incidente frequente na pista e que em nada afecta a correcção e a lealdade do seu autor.

Matos Fernandes passou Jacinto numa arrancada fulminante antes de entrar na última curva, ganhou logo avanço confortável, que o adversário foi recuperando, mas ao entrar na recta final desviou-se para a pista dois; sem hesitação, Jacinto atacou pelo lado da corda, usando legitimamente do «corredor» deixado livre, e a cinquenta metros do fim vinha na passada do corredor do Benfica. Involuntariamente, por acto reflexo de defeza, Matos Fernandes cortou então de novo para a corda, impedindo a passagem do adversário.

Houve reclamação e o juri decidiu a desclassificação do vencedor, que peou contra a lei 36.ª, a qual diz: «nenhum concorrente poderá atravessar na frente de outro se não tiver, pelo menos, dois metros de avanço sobre ele.»

Os nossos atletas precisam de conhecer bem as regras pelas quais se rege o atletismo; as faltas, involuntárias, quero crêr, mas faltas apesar de tudo, repetem-se com triste frequência e dão motivo a reacções que convem evitar. Nos 5000 metros, outro exemplo, assistiu-se ao espectáculo reprovel dos chefes de equipa que impõem a um corredor o abandonar da marcha para fugir à segunda classificação, que o passaria à categoria de senior; e, em complemento, o corredor Afonso Marques volta-se para trás e começa a chamar com a mão o companheiro, cedendo-lhe a passagem e ganhando com isso a merecida desclassificação, por não haver disputado a

prova com o melhor propósito de classificação.

João Silva venceu com a sua costumada decisão, mas é justo associar-lhe nos aplausos o veterano Manuel Nogueira, que se bateu heróicamente até ao limite da energia e tomou repetidas vezes — com imprudência mas desportivamente — a iniciativa do ataque.

Afonso Marques, à parte a infantildade final, cuja responsabilidade pertence aos conselheiros da última hora, correu com merecimento e devia ter concluído o percurso em menos de 16 minutos, o que é uma referência para ponderar.

A prova de saltos em altura foi muito fraca; Matos Fernandes transpôs 1,75m., à vontade, e desistiu de prosseguir, reservando-se para os 800 metros. Os melhores adversários ficaram no 1,70m. Durães, pouco confiante, mudou claramente a forma de saltar quando a barra subiu para 1,75m. e perdeu assim todas as possibilidades.

No concurso de salto à vara — quatro homens do Benfica nos lugares da vanguarda — as alturas foram, relativamente aos nossos recursos, de muito boa média. Martins Vieira e António Santos transpuseram 3,40m., os dois seguintes 3,20m. e o quinto classificado 3,10m. António Santos agradou bastante, pecando apenas pela corrida, que é irregular e hesitante. Martins Vieira, como nos seus melhores tempos.

Finalmente, no lançamento do martelo o campeão Manuel da Silva venceu com 41,25m. o segundo resultado português; deu prova de consideráveis progressos, mais senhor do equilíbrio durante as voltas no círculo e muito melhor executante da chicotada final dos braços. Tem condições para conseguir melhor marca, ainda, na época corrente.

A forma actual de muitos dos nossos melhores atletas aconselha que não deixemos morrer a actividade da época nos campeonatos nacionais; os esforços que nesse sentido estão sendo exercidos pela Direcção Geral dos Desportos, junto da Federação de Atletismo, devem ser coroados de êxito — para bem da modalidade.

ACONTECIMENTOS DA SEMANA

ATLETISMO — Inaugurou-se antecomete, oficialmente, o curso de treinadores, dirigido pelo nosso estimado camarada de redacção Dr. Salazar Carreira. A cerimónia presidiu o sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro, Director Geral dos Desportos.

— Na segunda jornada dos campeonatos portunenses de seniores, o Académico continuou a marcar superioridade, pois conquistou mais cinco títulos em seis provas: disco, e martelo (Herculano Mendes), 400 m. barreiras (José Couto), 200 m. (Sampaio Peixoto) e 4x400 metros. Na classificação, os acadêmistas, têm 53 pontos, contra 24 do F. C. Porto e 21 do Salgueiros.

HOCKEY EM PATINS — Nos últimos desafios do campeonato do Porto, Estréla e Vigorosa venceram Académica de Espinho, por 6-2, e Carvalhos derrotou F. C. P., por 4-2. O Académico continua à frente da classificação, com grandes probabilidades de vir a ser o vencedor do torneio.

TENNIS — O par João Talone — Trigo da Silva, do I. S. Técnico, venceu o torneio de Oliveira de Azemeis, para disputa da taça «Alberto da Costa Falcão».

VELA — Na baía de Cascais começam hoje as regatas da III Semana da Vela, numa competição internacional de grande envergadura. De valiosa lista de prémios constam cinquenta e cinco taças, dezasseis medalhas e dezotoit galhardetes.

Experimente este novo Creme de Barba



Fabricado à base de óleo de oliveira, óleo de coco e lanolina, produz uma espuma abundante, uniforme, sem bolhas de ar, que amacia a barba e permite o cacealhoar e barbear de qualquer modo, pois que as suas propriedades suavizantes deixam a pele com uma agradável sensação de frescura e avulidade. É um produto moderado, a um preço popular. A venda nas boas casas



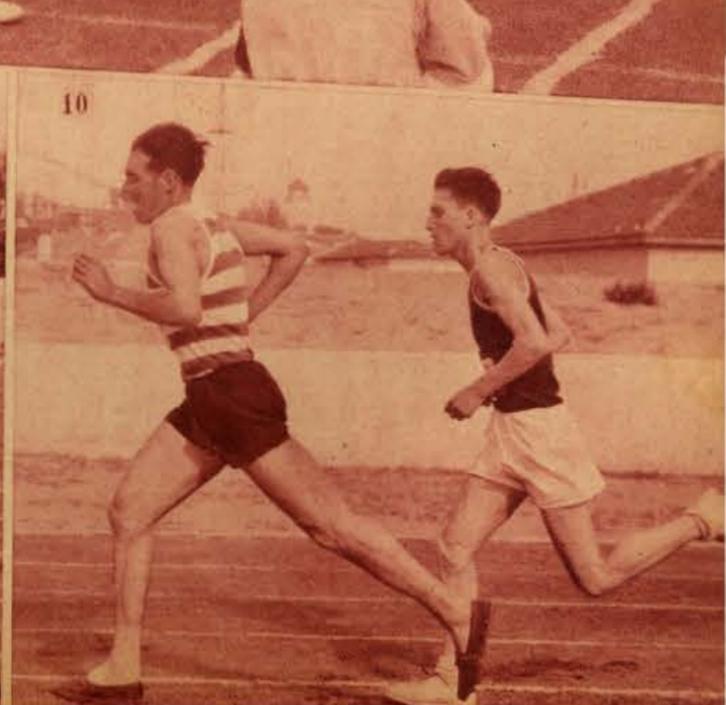
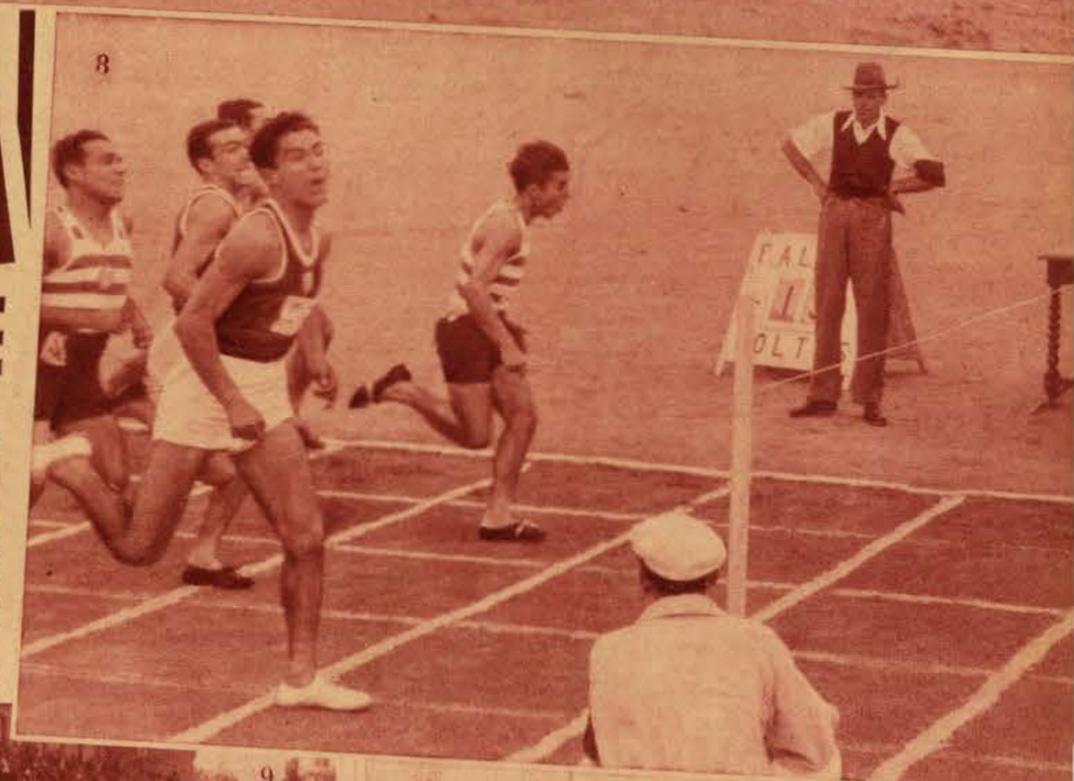
MAVISA DO COFOTELCO, S. A.



ATLETISMO
 No Campeonato de Lisboa
 O BELÉNENSE
 levou a melhor.

1—A equipa do Benfica vencedora da estafeta 4x200; 2—Francelina Moita, do Belenenses, campeã do dardo, cujo «records» bateu; 3—A passagem da primeira barreira na prova feminina da especialidade; 4—Martins Vieira, do Benfica, campeão do salto à vara; 5—O pelotão dos corredores de 800 metros pouco depois da partida; 6—Manuel da Silva, do Sporting, campeão do martelo; 7—Um documento para a história: a partida dos 100 metros, tal como a colheu a objectiva do nosso fotógrafo; 8—A chegada dos mesmos 100 metros; 9—Emocionante chegada na estafeta feminina, ganha pelo Sporting; 10—Durante a corrida da légua, João Silva, o vencedor, segue nas passadas do veterano Manuel Nogueira, seu valoroso adversário

(Fotos Nunes de Almeida)



Nos campeonatos regionais

o Estoril Praia conquistou a maioria dos títulos

Comentários de ABREU TORRES

A segunda jornada dos campeonatos regionais superior, de longe, a primeira, sob diversos aspectos, momentaneamente em respeito à animação e interesse por parte do público, bastante mais numeroso do que na primeira ronda. Houve provas bem disputadas, especialmente nas das categorias inferiores, onde se registaram algumas marcas de indiscutível valor. Quanto a representação clubista, embora em duas provas — 100 metros livres, principiantes, e 100 metros-brucos para igual categoria — tenha havido necessidade de fazer eliminação, as características manifestadas são boa representação do Estoril e do Algués, sob o aspecto quantitativo e qualitativo, e reduzida representação dos outros clubes — Sporting, Nacional, Belenenses, Atlético e Alhandra, a fazer recordar com saudade as equipas destes mesmos clubes de há anos atrás.

Indivíduo, um vulto surge em evidência: Hety Heyman. A infatigante nadadora do Estoril, progredindo firmemente de dia para dia, atingiu já, para o nosso meio, certa classe áparto. Tecnicamente, Hety é perfeita e correcta. Na quinta-feira fez duas esplêndidas provas, em 400 metros-livres e 100 metros-brucos. Nos 400 metros dá gosto vê-la deslizar, em ótimo ritmo. Não sabemos se os nossos especialistas masculinos, tão pouco dados ao estudo dos pormenores técnicos, repetem a mesma opinião e discordância. É bem verdade que correm 400 metros, Hety, que no 'Torneio de Inverno' obteve 7 m. 4 s., creditou-se, agora, em 6 m. 30 s. 3110. O 'record' português está em 6 m. 44 s. 4110, pertence a Maria Gouinho e data de 14 de Junho de 1936. Na prova de costas — Hety é de um poder de adaptação prodigioso e raro! — fez igualmente um esplêndido percurso, sendo muito bem das 'viragens'. Obteve 1 m. 29 s. 6110, melhor 'record' da categoria, que está em 1 m. 36 s. 5110 e pertence a Maria de Lourdes Bessone Basto desde 1943.

No capítulo das provas femininas, que aliás fica encerrado, uma referência especial para Ana Linheiro, do Belenenses, que estabeleceu o 'record' de 100 metros-costas, principiantes, no belo 'tempo' de 1 m. 38 s. 2110. O 'record' também Maria Isabel de Almeida, E. P., 1 m. 48 s.

Os seniores faziam duas provas, ambas de velocidade: 100 e 4 x 200 metros livres.

A primeira, com sete concorrentes, foi uma prova vulgar, que Simas ganhou facilmente, em 1 m. 9 s. 5110, e que veio, por outro lado, demonstrar que dois dos nossos especialistas ou não estão em 'forma' ou como tantos outros — estão agora e já não repetem, ainda em plena mocidade, as marcas de há dois ou três anos: Trovão, que fez 1 m. 11 s. 4110, Carrelhas 1 m. 14 s. 6110 e Alfredo Silva A. C. P., 1 m. 19 s. 4110. Para seniores, hemos de concordar que é muito fraco.

Na estafeta olímpica, embora os 'tempos' obtidos sejam fracos, depois de muitos anos assistiu-se a luta clubista nesta prova — e a corrida foi boa como espectáculo. E que são coisas diferentes: o que uma prova pode valer aos olhos do público, como espectáculo, e aquilo que a realmente vale em face do cronógrafo. Triunfou a turma da Costa do Sol. O elenco do Algués fez quanto pôde, mas não o supomos capaz, mesmo com alguns dos seus nadadores em dia de mais feliz inspiração, ou dando outro 'arranjo' aos quatro elementos de triunfar de um conjunto que tem em Mira Gomes e Simas os seus melhores atletas.

Marcas: Estoril — 1 m. 10 s. 6110, com António Macedo Nunes (3 m. 3 s.), Mira Gomes (2 m. 36 s.), Fernando do Carmo (2 m. 52 s.) e Simas (2 m. 39 s. 6110); Algués — 1 m. 11 s. 8110, com António J. Neto (2 m. 47 s.), Rolal Ramos (2 m. 53 s.), Bessone Junior (2 m. 50 s.) e Oscar Cabeza (2 m. 51 s.).

Embora, triunfando, num 'tempo' vulgar, Carlos de Azevedo Jôlo, E. P., merece ser felicitado pela maneira regular com conduziu a prova e o esforço nos 200 metros brucos, juniores. Doze meses dizer-se que disputou a prova intencionalmente. Creditou-se em 3 m. 19 s. 2110.

Nos 4 x 200 metros livres, também para juniores, o Estoril ganhou por boa diferença, com Carlos Santos, Francisco Santos, Maria Alves e Carlos de Azevedo Jôlo. A equipa do S. A. D. ficou a cerca de 40 metros.

Vejamos, agora, os principiantes. Nos 100 metros livres, Jeremias Simão, E. P., triunfou em 'tempo' que é novo 'record' da distância: 1 m. 9 s. 6110. O anterior pertencia a António J. Neto, desde Agosto de 1932 e esteve em 1 m. 10 s. 6110. Mas além da proeza do vencedor houve tempos igualmente bons: 1 m. 12 s. 9110, de Fernão Caneiros; 1 m. 14 s. 9110 de Artur Malheiros da Silva; 1 m. 15 s., de Vitor Lopes.

O valor destes tempos avulta quando os comparamos, por exemplo, com os dos seniores.

Nos 100 metros brucos, que Câmara e Sousa ganhou utilizando a 'maximária', senti, mesmo, o mesmo percurso — em 1 m. 30 s. 3110 — entre as marcas conseguidas não sejam famosas, os primeiros quatro constituiram um lote de valor aproximado, que animou a prova. Foram eles: António Rodrigues S. A. D., 1 m. 31 s. 6110; José Manuel S. A. D., 1 m. 32 s. 6110; Armando Pereira Marques C. N. N., 1 m. 33 s. 4110.

UM SERÃO CULTURAL NO BELEM CLUBE

No Belem Clube efectua-se esta noite um serão cultural e recreativo organizado pela F. N. A. T. com a colaboração da Emissora Nacional, e de certo modo ligado à propaganda do desporto entre os moradores do Bairro da Ajuda, aos quais é dedicado.

Vem a propósito referir que os habitantes do referido bairro de casas económicas, com o nosso colaborador fotográfico sr. Manuel Morais à frente, trabalham com entusiasmo para conseguir a transformação do medido all existente numa piscina para nataçao, para o que têm em curso vários diligencias e esperam o auxilio das entidades oficiais, nomeadamente da Câmara Municipal e Instituto Nacional do Trabalho.

Os iniciados disputaram os 100 metros costas, onde se registaram tempos de muito valor. Nuno Barreto, E. P., a confirmar as esplêndidas qualidades já evidenciadas ao ano passado, triunfou em 1 m. 25 s. 4110, em luta apertada com Guilherme Patrone, S. A. D., 1 m. 26 s. Luiz Chalupa E. P., foi terceiro, com 1 m. 28 s.

O balanço da jornada dá, pois, das dez provas disputadas, nove vitórias do Estoril Praia e uma do Clube de Futebol 'Os Belenenses'.

A terceira jornada

A terceira e última jornada dos regionais decorreu sensivelmente dentro das mesmas características das jornadas anteriores, podendo dizer-se em síntese, que os campeonatos lisboetas de 1944 não deixaram saudades. As provas não decorreram, realmente, com aquele brilhantismo que seria para desejar e esperar, por causas que a falta de espaço nos impede de apontar de momento, e que, na devida oportunidade, quando darmos o balanço à época, escalpizaremos em todos os seus pormenores.

Desta terceira jornada — epílogo dos campeonatos a quem se quer faltou uma tarde arrancada — se pode afirmar, em síntese: pouco público, pouco interesse, poucos concorrentes, e alguns bons resultados, apenas nas categorias inferiores — iniciados e principiantes.

E vejamos as provas.

Os 1.500 metros-livres seniores — das provas mais de 1.500 metros, que ultimamente se têm disputado — estiveram presentes dois 'tipos' de nadadores bem distintos, pois que, entre nós, infelizmente, o 'crawl' não é ainda 'estilo' completamente difundido e assimilado.

Baptista Pereira, exemplo vivo do que é a falta de escola e a ausência absolutas de conhecimentos técnicos, e Mira Gomes, nadador bem preparado tecnicamente — referimo-nos ao 'estilo', claro — apresentaram-se em má 'forma', se bem que a vitória do sãndreense tenha sido indiscutível. Baptista Pereira percorreu os primeiros 35 em 'crawl', mudou depois para o seu 'tradicional' característico, a base de energia e força, com preponderância do braço direito sobre o esquerdo, tal e qual como há sete anos, e terminou a prova em 'crawl', num 'sprint' pleno de vigor, deixando Mira Gomes a duas piscinas de distância, mas creditando-se apenas em 22 m. 50 s. 4110.

Mira Gomes, dando-nos a sensação de que fez a prova com dificuldade, terminou em 24 m. 6 s.

O outro sénior, José da Silva, gastou 25 m. 16 s. 4110. O júnior Belmiro Severino das Santos, que teve a virtude de fazer a prova toda em 'crawl', triunfou em 24 m. 18 s., muito perto de Mira Gomes, a quem acompanhava quasi até ao fim.

Fernando Chaves e Francisco Raposo — segundo e terceiro classificados — terminaram respectivamente em 29 m. 1 s. 2110 e 29 m. 4 s. 2110, não nos parecendo nenhum deles com 'estilo' para nadadores de 1.500 metros. Como ponto de referência para os nossos leitores, diremos que 'record' feminino pertence, desde 1936, a Maria Gouinho, com 27 m. 8 s. 2110.

Bons tempos, os das provas de mar...

Os seniores correram, também, os 200 metros-livres, a que compareceram apenas três concorrentes de valor muito desvalorizados.

Simas, que venceu muito bem, num 'tempo' regular para a sua classe inconfindável, 2 m. 31 s. 8110; Oscar, 2 m. 45 s. 8110 e António Carvalho 3 m. 2 s.

Embora em pior 'tempo' do que o obtido no festival da Federação, Fernando de Sousa, do Sporting, ganhou bem os 100 metros livres júniores, em 1 m. 13 s., vencendo o seu perigoso adversário Francisco Salgado, E. P., que terminou em 1 m. 13 s. 5110.

Nos 100 metros costas para a mesma categoria, voltou a distância-se Mário Santana Alves, E. P., que triunfou em 1 m. 28 s. 4110, seguido do seu companheiro de clube, Alvaro Silva, 1 m. 29 s. 6110.

E agora passemos aos principiantes e aos iniciados, para os quais devem ir, sem favor, as honras da jornada.

Depois de fazer aos 100 metros 1 m. 14 s., Jeremias Simão, E. P., ganhou brilhantemente os 200 metros livres principiantes, num 'tempo' — 2 m. 41 s. 6110 — que fica constituindo novo 'record' da categoria. O anterior 'record' estava em 2 m. 41 s., e pertencia desde 27-5-37 — ano em que foi estabelecido — a José Ricardo Domingues. Mas atrás dele — e nisso está, também, o mérito da prova — outros 'tempos' de valor se verificaram: 2 m. 45 s. de Fernão Caneiros e 3 m. 47 s. 7110 de Alvaro Parracho, ambos do Estoril Praia.

Guilherme Patrone, S. A. D., ganhou nitidamente os 100 metros-livres iniciados, em 1 m. 41 s., e 'tempo' de 1 m. 10 s. 8110, que fica constituindo o 'record' da categoria.

Porém, tanto Nuno Barreto como Luis Chalupa fizeram 'tempos' dignos de registar: 1 m. 13 s. 8113 e 1 m. 18 s. 2110, respectivamente.

Nas duas provas de seniores senhoras, se por um lado temos de registar a normal ausência de concorrentes, por outro temos a assinalar, com viva satisfação, as boas proezas das suas vencedoras.

Nos 200 metros-livres júniores, pela primeira vez em Portugal, vimos duas senhoras fazer a distância em menos de três minutos. Hety Heyman — a figura mais em destaque destas campeonatos — percorreu os 200 metros em 2 m. 29 s. 9110. O 'record' de Portugal está em 3 m. 10 s., e pertence a Maria Gouinho (20-7-39).

Na outra prova feminina, 100 metros-livres, principiantes, Ana Linheiro, do Belenenses, estabeleceu o 'record' da prova no tempo apreciável de 1 m. 29 s. 9110. E, de facto, pena se Ana Linheiro não aproveitasse as suas reais qualidades.

O balanço da jornada dá, das dez provas disputadas, seis vitórias para o Estoril Praia, e uma para cada uma dos seguintes colectividades: Algués, Sporting, Belenenses e Alhandra.

INESPERADA VITÓRIA DE GUILHERME MARTINS,

ao 6.º assalto

Crónica de R. BARRADAS

O ESTÁDIO MAYER tem fracas condições para se tornar a Meca do pugilismo nacional. No entanto, e apesar da exiguidade e do formato do recinto, que não permite aos jogadores entradas e saídas fáceis, nem à autoridade a vigilância que é indispensável, as sessões de propaganda têm-se repetido com frequência e sem merecer reparos especiais.

Desta vez, o programa era modesto e sem pretensões. Caras conhecidas, figuras cuja renovação há dificuldade em conseguir, porque o número de pugilistas nacionais é escasso e de poucos méritos. Só o combate entre António Silva e Guilherme Martins podia passar por antecipadamente atractivo. Infelizmente, na ocasião em que o resultado ainda era enigmático — apesar da vantagem por pontos, ligeira, que Martins acumulava — a luta foi suspensa e a vitória teve de ser proclamada a favor do pugilista lileso.

Não pudemos observar, do local onde nos encontrávamos, a maneira exacta como os factos sucederam. Pareceu-nos, porém, que o modo particular de António Silva se lançar sobre o antagonista (de salto e com a cabeça avançada...) contribuiu muitíssimo para o incidente.

Tanto um como o outro aspiram a combater para o título nacional dos pesos leves, que está em poder de Miguel França. Fazendo té na exibição de ambos, afigura-se-nos problemática a mudança breve de propriedade.

Guilherme Martins (61,5 kg.) não exibiu a sua costumada confiança, decerto preocupado com as qualidades de rapidez e poder de soco do adversário. Em lugar de se bater a meia-distância, para anular os golpes largos de António Silva (60,7 kg.) preferiu o jogo de longe, prudente na aparência mas baseado sobretudo no directo da esquerda — o golpe que, precisamente, menos empregou!

Apesar disso, manteve ligeiro domínio pontual até ao fim do 5.º assalto. Durante o 6.º um sóco potente de Silva, ao estômago, pareceu ter cortado o fôlego a Guilherme Martins. E durante o assalto foi significativamente dominado pelo adversário. Era patente, no entanto, o cansaço dos dois, de modo que o início do 7.º round, tão movido e brusco quanto o anterior fôra amorfo e sem vigor, causou estranheza. Um choque de corpos e de punhos, ejos pormenores não foram observáveis, originou a abertura de uma brecha sangrenta na testa de Silva, com abundante hemorragia.

O combate foi logo interrompido, mais por decisão de Silva que por vontade do árbitro — e no registo das vitórias de Guilherme Martins passou a figurar uma outra por knockout que, verdade se diga, não se ajusta à diferença de méritos.

O combate de Rebordão (61,5 kg.) com Valente Rocha (62,5 kg.) acabou pela vitória deste último. A agilidade e prontidão do vencedor, empregando com facilidade os dois punhos, combativo e bem treinado, dispôs desde logo da tenaz experiência do vencido.

Embora haja sempre lutado com denodo, Rebordão acabou com um dos olhos completamente fechado e desistiu ao 6.º assalto, depois de haver recebido grande cópia de golpes, sem quaisquer probabilidades de vitória.

O combate entre Eduardo Alves (58,2 kg.) e o português Carlos Leitão (56,2 kg.) também findou ao 6.º round por knockout. O vencedor tem atitudes ridículas e pretenciosas, que lhe alienam a simpatia popular, além de expressões de menosprezo e superioridade para com o adversário, perfeitamente fóra de propósito. Dominado de começo, devido à preocupação das poses e ares, e combatendo de maneira heterodoxa e imprevisível, passou a desenvolver o ataque ao 3.º assalto e, depois de o haver tido cambaleante, atirou a terra Carlos Leitão, com um golpe ao estômago. O vencido tem pouca escola e pouco poder.

Quintino (63,6 kg.) derrotou Jack Freitas (63 kg.) por pontos, em 6 assaltos, empregando a cabeça e os cotovéis, batendo nas costas e exibindo, a par

(Continua na pág. 14)

A 1.ª jornada do campeonato regional de seniores provou o ressurgimento do atletismo portuense

Comentários por Eduardo Soares

NÃO foi em vão que a nossa revista se lançou numa persistente campanha em favor do atletismo nortenho. O ambiente de pobreza em que a modalidade viveu durante duas épocas — com boas perspectivas de se manter na época presente — desapareceu por completo, graças à maneira simpática como todos, dirigentes, clubes e público, compreenderam os nossos propósitos. E hoje pode dizer-se da modalidade o que há dois meses tinha aspectos de utopia: o atletismo portuense ressurgiu por completo! É evidente, porém, que este ressurgimento só se baseia, por enquanto, no interesse exuberantemente manifestado pelos clubes, dirigentes, praticantes e público, pois no que diz respeito a resultados técnicos, estes terão, fatalmente, de ressentir-se, ainda, das duas cidades épocas, durante as quais o nosso atletismo «vegetou», não se dando a indispensável renovação da «população praticante», a que várias vezes nos temos referido nestas colunas — e também porque a melhoria técnica não se consegue em dois meses...

Portanto, o que se pretendia para já — e que se alcançou largamente — era a reconquista de ambiente capaz de trazer à modalidade condições de vida e progresso, ou seja uma «atmosfera» de interesse geral, sem a qual nenhuma manifestação desportiva poderá progredir. Esse interesse e essa «atmosfera» foram insosficientemente conquistados no breve espaço de 60 dias, durante os quais se operou uma mutação que à primeira vista parecia impossível. Para ela, diga-se, em muito contribuiu a acção de uma equipa — a do F. C. do Pôrto, que fez gala em apresentar um prometedor conjunto de jovens, nos quais o atletismo portuense pode confiar.

Em suma: o atletismo no Pôrto entrou em período de franco progresso e não será demasiado optimismo considerá-lo a caminho de épocas que hão-de ficar, por certo, na história da modalidade!

Resta-nos, para encerrar esta ligeira abertura, agradecer a todos aqueles desportistas que viram no brilhantismo da 1.ª jornada dos seniores um pouco da acção e do desinteressado esforço da STADIUM, e nos procuraram para nos felicitar. A todos, os nossos agradecimentos.

De ante-mão se sabia que os campeonatos de seniores deste ano não podiam oferecer luta cerrada de equipas e que, por isso mesmo, o aspecto de competição não existiria. E isto porque enquanto o Académico tinha a possibilidade de dispôr de um numeroso conjunto de seniores, o F. C. do Pôrto, sobretudo, estaria representado por gente nova e inexperiente. Mas posto de lado este pormenor, restava o interesse de ver como esses jovens se comportavam na categoria «maiores», numa espécie de contra-prova das possibilidades já reveladas nos campeonatos «menores». E foi só este o motivo que levou à bancada do Lima uma assistência record, que seguiu todas as provas em maré alta de entusiasmo.

Por aqui se prova que o atletismo tem público: apesar de se conhecer previamente o desnível entre as equipas do F. C. do Pôrto e do Académico — uma formada de praticantes, que começam, outra de experientes e consagrados; apesar de se saber que não haveria competição rija e equilibrada, o público compareceu em número que não se registava há muitos anos. Isto quer dizer que o atletismo terá a inteira simpatia dos nossos desportistas desde que as organizações sejam perfeitas, como tem acontecido, a propaganda criteriosa e que os clubes trabalhem. A prova-lo está o facto da bancada do Lima se encher, sem ser necessário haver a cerrada competição!...

Não há dúvida que o atletismo está a tornar-se um desporto popular. Oxalá que este pormenor tenha o condão de entusiasmar os actuals dirigentes na continuação de uma obra em tão feliz momento iniciada.

Os resultados técnicos desta 1.ª jornada não foram famosos e os vencedores de algumas das provas são já campeões crónicos. Mas não é de admirar, pois perdemos duas épocas preciosas. Contudo, alguns dos seniores demonstraram «forma» apurada, ao passo que os estreantes e junio-

“STADIUM” NA CAPITAL DO NORTE

Depois da crise...

Vamos arrumar a casa, pôr método, ordem e disciplina nas coisas e nos homens para podermos depois encerrar todos os problemas que se nos apresentarem

— palavras do DR. PAULO SARMENTO, presidente da comissão administrativa do Académico do Pôrto

A sessão de posse tinha-se efectuado na véspera. Havia entre a massa associativa acadêmica, e mesmo entre a população desportiva da cidade, desusado interesse por saber o que se passava portas a dentro do Académico.

Por isso mesmo, no edifício palacete da rua de Costa Cabral. Numa das salas, sentados junto de uma secretária, dois directores: Paulo Sarmento e Armando Ribeiro. Vinhamos, portanto, numa boa oportunidade.

Anunciaram-nos. Fomos imediata e gentilmente recebidos. Há uma espécie de interrogativa na expressão com que nos olham os novos dirigentes do Académico. No pensamento de ambos, não há dúvida, e não a do jornalista deixou um ar de dúvida. Que queríamos?

Sorrimos, a estabelecer confiança mútua... E começámos:

— Queríamos saber o que se passa, quais as finalidades da Comissão Administrativa de que ambos fazem parte. Se há projectos, quais são. Afirma-se que vai evolucionar extraordinariamente a estrutura interna das secções do Académico. E muito mais se diz. Terão a paciência de receber a «Stadium»?

Há um relance de olhos entre os directores, como que uma espécie de alívio, de desalento... Já se sabia o que queria o jornalista. O dr. Paulo Sarmento, elegante na sua forma de dizer, inteiramente à vontade, expôs:

— Ainda só temos tomado posse e já aqui está a saber de todos os «casos» do edifício, e não a pedir, que dizer... Mas compreendo e acho até justa a sua curiosidade. Vamos a ver se a poderi satisfazer...

Há um compasso de espera que serve para o dr. Paulo Sarmento concentrar os seus pensamentos — e que nós aproveitamos para queimar um cigarro.

O nosso primeiro pensamento, desejo objectivo que vamos imediatamente passar à prática, é pôr a casa em ordem — diz o dr. Paulo Sarmento. E continua logo: — Dar método e impôr disciplina a tudo e a todos. Temos de olhar por isto. Há coisas que estão muito bem, mas há também outras que estão muito mal. Com os estatutos na mão, imporemos a lei associativa de forma a que seja cumprida com escrupulo!

Desportivamente, uma das nossas primeiras acções vai ser fazer respeito a todos os estatutos. Assim, acabaremos com os chefes de secção, cargo que não existe dentro da lei, substituindo-os por comissões desportivas nas diversas modalidades, compostas de três membros. Depois faremos a escolha do capitão geral, elemento que superintende, directamente, sobre as comissões de desportos. Nós, Comissão Administrativa, entender-nos-emos, em todos os casos, e para todos os casos, com o capitão geral. A este pediremos responsabilidades, e ele, por sua vez, as pedirá aos «terceiros» dirigentes das secções. Só em casos muito especiais é que as questões subirão até à direcção. Assim, ficaremos com muito mais tempo livre para dedicar ao progresso do nosso querido clube.

— Mas há vantagens práticas na criação dessas comissões, para além do cumprimento da disposição estatutária — inquirimos.

— Há! Por exemplo: um atleta pratica mais do que uma modalidade, tem determinada altura, a sua colaboração é solicitada pela secção A e pela B. O desportista não se pode dividir. Há-de existir-se por uma só, para cumprir a lei geral do desporto. Quem deve julgar este caso? O capitão geral. E assim, um caso que subiria, incoerentemente, à direcção, ficará arrumado entre o capitão geral e as secções, nas suas reuniões colectivas.

— Gente nova?

— Vamos olhar pelas categorias inferiores. Os juniores merecerão também o nosso cuidado. Procuraremos criá-los em várias modalidades, entre elas no «handball». Mas para isso será preciso que as associações regionais se não lembrem de marcar os campeonatos para a época em que a maior parte dos rapazes está em exames, ou já em

férias. Essa coisa de se marcarem jogos de juniores para muito tarde, dá péssimos resultados. Quere um exemplo? Nós temos 40 atletas inscritos em atletismo; pois só podemos contar com 8! E porquê? Porque os campeonatos foram marcados demasiadamente tarde...

— Acrescentando, afirmos: — Não nos preocupa ganhar campeonatos. Não! As nossas ideias sobre desporto não são essas. Interessamo-nos unicamente praticar o desporto e fazer desportistas sãos. O Académico há-de voltar ao seu auge, regressar à situação de relvêlo que teve durante tantos anos e donde saiu por muito tempo na vinda agora para aqui...

— Temos então grande movimento desportivo?

— Pretendemos pôr a trabalhar todas as secções. Mas com gente dedicada, com gente que saiba e compreenda as nossas necessidades e que não venha fazer exigências desconexas e intencionais.

A seguir a conversa derivou para a constituição da Comissão Administrativa, que está assim formada: da anterior direcção — Armando Ribeiro e Santos! antigos directores — Adérito Parente e Alexandra Sampaio; novos dirigentes — dr. Paulo Sarmento, enq. Nascimento, Correia de Brito, José Ribeiro e dr. Custódio de Sousa. É um conjunto numeroso, para que possa bastar-se a si próprio, sem necessidade de recorrer ao auxílio dos associados em qualquer momento.

— Falamos de equilíbrio de contas e de finanças, ouvimos que o equilíbrio de contas é um facto.

Faltava um ponto: o do campo.

Falaram ambos, dizendo:

— Estamos neste local desde 1923, na parte, propriamente campo, e desde 1927 pelo que diz respeito ao edifício da sede e terrenos anexos. Desde então — e já lá vão 21 anos! — temos feito milhares de contas, sem contar com o esforço, trabalho devotado de todos nós, o que temos por «isto» grande dedicação. Temos a nossa favor a gente direita que se chama a «força moral». Não acreditamos que haja a intenção de arrear daqui, deste terreno e destas pedras, um clube que mereceu, além da visita de S. Ex.ª o sr. Presidente da República, a honra de ter a posta na sua bandeira a insígnia de Cavaleiro da Ordem Militar de Cristo. Temos feito muita coisa, desporto, mas muito mais ainda pela nossa terra. Nos nossos arquivos guardamos verdadeiros atestados do nosso interesse pela causa desportiva, nacional e da cidade, além do nosso auxílio em casos de benevolência. São documentos honrosíssimos, que nos enchem de orgulho. Tudo isto não representará alguma coisa, mesmo aos olhos de quem nada tem com o desporto?

— Não o acreditamos. Repuñá-nos, até, supor que exista quem possa pensar, por um momento, o contrário.

E a terminar, o dr. Paulo Sarmento disse ainda:

— Toda a nossa boa vontade, todo o nosso trabalho está em parte dependente da acção da massa associativa do Académico. E ela, e para ela só, está grande verdade: o nosso clube não tem o número de sócios que se iguala às suas instalações, que possa empregar com o seu valor. Precisamos de ver aumentado esse número. Em quantidade e em qualidade. Um clube que dispõe de um campo como o nosso não tem o direito de contar uma população associativa tão diminuta!

«Eis o nosso apelo: Vem às festas do aniversário. Faltam ainda muito apreciáveis. É preciso aproveitá-lo com diligência. E quanto mais cedo, com o seu valor, mais gracioso, mais jovem, é necessário que os nossos consócios, cá fora, saibam corresponder a este esforço, trazendo para o nosso convívio mais um amigo, um companheiro, um colega — uma nova dedicação pela nossa colectividade!»

Aqui fica expressa a sua vontade, traduzida tão fielmente quanto nos foi possível.

MÁRIO AFONSO

res confirmaram em absoluto o que deles temos dito. Entre aqueles, Sampaio Peixoto e Tamegão merecem citação especial; entre os segundos, Eloi Costa Pereira e José Romero salientaram-se, embora o segundo não tivesse actuado dentro das suas reais possibilidades, por via de factores estranhos.

Sampaio Peixoto ganhou com autoridade indiscutível os 100 e 800 metros, com os «tempos» respectivos de 11 s. e 2 m. e 2 m. e 6 s. (o tempo da primeira prova ofereceu-nos certa dúvida), e classificou-se em 2.º lugar no salto em comprimento, com a marca de 6,12 m. Os números são elucidativos do valor do atleta, mas deve dizer-se que não representam ainda o máximo que há a esperar das suas possibilidades. Nos 800 metros, por exemplo, Sampaio Peixoto limitou-se a «passar» nos primeiros 400 metros, cobertos em 1 m. e 5 s., para depois apressar o andamento e ganhar perfeitamente à vontade. Estamos na presença de um praticante excepcional, não haja dúvida! Poderoso, naturalmente rápido, com passada ampla, mas que pode ainda melhorar, Sampaio Peixoto possui todos os «trunfos» para fazer nos 400 e 800 metros «tem-

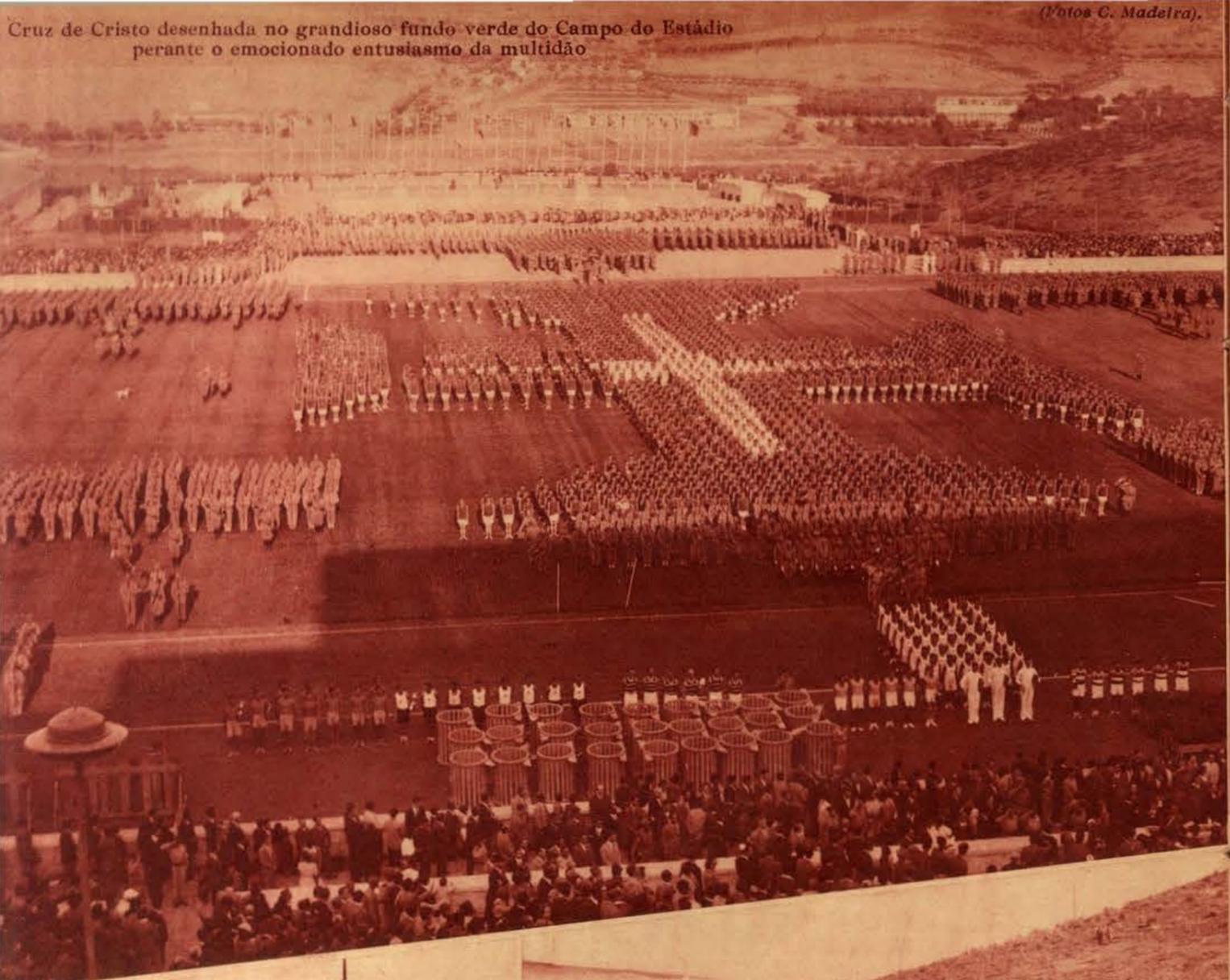
pos» sensacionais. E já agora guardemos os nacionais, para tirar conclusões mais positivas na sua luta com Matos Fernandes e João Jacinto... Por outro lado, no salto em comprimento a sua técnica está assinaladamente deficiente. Boa elevação, contudo, embora durante esta não exista qualquer acção que o favoreça. Em síntese: seria uma pena que Sampaio Peixoto se não dedicasse inteiramente ao atletismo, onde pode figurar como campeão de fino quilate. Para triunfar não lhe faltam qualidades naturais.

Edgar Tamegão mantém-se, por sua vez, como o saltador em comprimento nortenho de melhor futuro. Esplêndida elevação e óptima acção das pernas e dos braços. Estilo geral razoável, embora pouco apurado. Falta de treino, que se torna mais notória no eficiente aproveitamento do balanço. Quando Tamegão deixar de andar à «procura» da chamada — isto é: quando esta estiver matematicamente calculada, as suas marcas irão além do record.

(continua na pág. 15)

Cruz de Cristo desenhada no grandioso fundo verde do Campo do Estádio perante o emocionado entusiasmo da multidão

(Fotos C. Madelra).

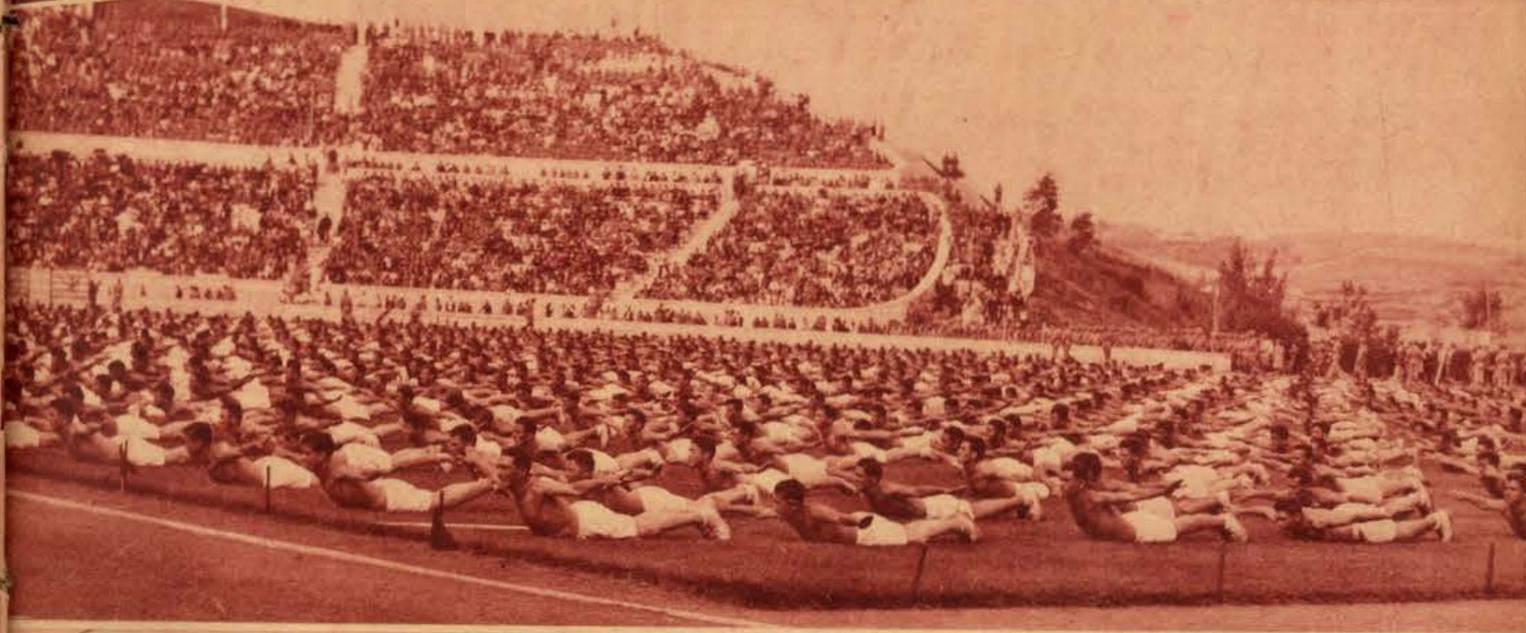


milhares de atletas militares exibiram-se no Estádio Nacional numa grandiosa festa desportiva



Os ginastas militares em garbosa marcha

Gimnástica educativa



Nas traves erguidas ao alto, os recrutas-trepam e saúdam



VAMOS MOVIMENTAR O CICLISMO DE COMPETIÇÃO?

Desportos do "Stick"

Na última jornada dos campeonatos de Lisboa vão decidir-se dois títulos, conhecendo-se já os três vencedores: Paço de Arcos, Ateneu Comercial e Sporting de Oeiras

Em 1943, quando foi ordenada a remodelação da «pista» da velocidade e sa falava que o ciclismo ia sofrer radias modificações sob o ponto de vista técnico, afirmámos, numa série de artigos, que a modalidade, por ter vida singular e muito diferente de quasi todas as outras, necessitava também de ser remodelada em moldes adaptáveis á sua própria estrutura.

Sensatamente, e respeitando o que estava determinada pelas entidades officiais, procurou-se, na elaboração dos novos regulamentos, adaptar os mesmos ás necessidades do ciclismo, visto que seria humanamente impossível, sem destruir o que estava feito, fazer com que a velocidade se integrasse numa legislação de caracter técnico, e até mesmo administrativo, absolutamente inédita entre nós.

De facto, o trabalho levado a cabo foi mais coordenador que inovador — e dado o curto espaço de tempo em que foi executado nada mais podia fazer-se. Exceptoando, mesmo, a divisão das várias regiões do país, para formar as novas associações, na qual se adoptou critério discutível, na remodelação feita seguiu-se, por assim dizer, a orientação prevista nos nossos artigos.

Todavia, quando tudo indicava que a começar novo período de trabalho, optando-se por moldes diferentes dos utilizados até então, a fim de satisfazer a imperiosa necessidade de impulsionar a velocidade, a força das circunstâncias impôs que se continuasse no «ramerrão» antigo. Bem se esforçaram os dirigentes que tiveram de ficar á frente dos destinos da novel Associação por fazer algo de inédito. Como, porém, não tinha havido o necessário impulso, o esforço despendido não deu os resultados que seria lógico esperar. A época ainda teve de principio certo movimento de provas, houve interesse e entusiasmo nos primeiros meses mas depois veio o «agastamento» por parte dos di-

rigentes, os mal-entendidos entre clubes — e até os próprios corredores perderam aquelle «fogo sagrado» que os leva a preparar-se com convicção e amor próprio.

Em resumo: o ciclismo de competição «arrastase», vejeta e não está á altura de corresponder ao prestígio que atingiu entre nós e que o transformou, depois do futebol, na modalidade mais popular.

Há, pois, necessidade de reagir e de procurar por todos os meios elevar a velocidade ao plano que merece ocupar. Não se pode — e dizemo-lo com convicção — continuar a esperar que as circunstâncias ou o acaso proporcionem, só por si, a movimentação da modalidade. Há que repetir o trabalho de 1931 e 1939, anos de ressurgimento, porque a baixa verificada na actividade velocipedica, se tem parte da sua causa em factores ligados com a conflagração actual, deriva sobretudo da falta de união, digamos mesmo da carencia de «espírito de equipa» que se verifica por vezes entre os elementos ligados ao ciclismo.

Se é incontestável que se encontra ainda muita dedicação e muito espirito de sacrificio nos homens que regem os organismos dirigentes e os clubes, também não há duvida que se nota falta de coordenação no esforço produzido.

Não nos digam que é impossível fazer mais e até melhor. Há duas dezenas de anos que andamos ligados aos assuntos de ciclismo e julgamos não cair em imodéstia despropositada afirmando que alguma coisa conseguimos em beneficio da nossa velocidade, inclusive em periodos de tão grande descrença como o que atravessamos. Assim, e apenas com a satisfação do dever cumprido, lembramos haver conseguido, é certo que com valiosa cooperação, a introdução das provas individuais contra relógio; a abolição do maldadado hábito dos carros de apoio com «chucha» constante aos corredores; a criação das categorias de independentes e amadores, bem como a de estradistas «populares» — autêntico viveiro de novos valores; e a divulgação do ciclo-turismo e do «corta-mato» ciclo-pedestre — tudo isto iniciativas que revolucionaram o meio e acabaram com hábitos e vícios que prejudicavam a modalidade.

Se em épocas de menor valia técnica houve possibilidade de remover obstáculos tanto ou mais difíceis como os que tolhem presentemente o progresso do ciclismo, porque não se tenta agora derrubar idénticos obstáculos?

Existe actualmente na Associação de Ciclismo do Sul uma direcção constituída por elementos trabalhadores, sérios e sinceros na maneira de agir. Há ainda por esse País fora muita gente capaz de voltar a dar o melhor do entusiasmo em prol do ciclismo — e nós, dentro das nossas possibilidades de tempo e de saúde, estamos também dispostos, com os conhecimentos que pudemos adquirir e a boa vontade de sempre, a colaborar com quem quiser trabalhar connosco.

Nada de despeitos, nada de dificuldades ou desejo de complicar o que é simples. Quando muito, a tarefa será ingrata. Não há uma «Volta a Portugal», o material está caro, as provas são em numero reduzido e os corredores de classe também vão rareando — mas é precisamente para evitar as consequências provocadas por tudo isto que vamos trabalhar.

Qual será o nosso programa de trabalho? — perguntarão. Di-lo-emos brevemente. Mas antes expô-lo-emos a quem de direito — a quem pouco e deve colaborar connosco.

GIL MOREIRA

OS CICLISTAS DO SPORTING EM ESPANHA

Partiram para Espanha, na passada segunda-feira, os corredores «leoninos» João Lourenço, Francisco Inácio, Julio Mourão e Aristides Martins, que vão representar o seu clube em algumas competições na Catalunha e nas Baleares. Acompanha-os o st. Armando Rodrigues, dirigente da secção de ciclismo do Sporting.

Desejamos-lhes boa viagem — e bons resultados.

BOXE NO PARQUE MAYER

(Continuação da pág. 10)

disso, maior prática da profissão. A sua maneira de entrar, com a cabeça, é perigosa e contrária ás boas leis do jogo.

Finalmente, em abertura, Kid Levy (56 kg.) bateu António Costa (56 kg.) por pontos, depois de 5 assaltos em que revelou ter progredido.

A assistência — parte dela, é claro — manifestou-se ruidosamente e de modo antipático. Há pessoas que vão alimentar os seus baixos sentimentos e instintos para este género de espectáculos. Gritam como possessos, por tudo e por nada, chegando a ponto de manifestar alegria por verem um pugilista ferido e sangrento. A repugnância que tais indivíduos infundem é máxima. Esperamos que em breve sejam expulsos do recinto todos os que, por palavras ou gestos, exteriorizem a sua inferioridade de maneira imprópria do local e do espectáculo desportivo a que assistem.

NOTÍCIAS DO ESTRANGEIRO

Numa reunião efectuada em Tredgar (Inglaterra), na última semana, Warren Kendall, campeão de «slaves» do País da Gales, venceu Ivor Thomas, por k. o., no 2.º assalto.

— Em Nova York, o principal combate de uma sessão efectuada há dias pôs frente a frente Bob Montgomery, campeão do mundo de «slaves», e Beau Jack, ex-campeão, que saiu vencedor da contenda, por pontos. Não obstante não ter sido posto em jogo o título, assistiram mais de 10.000 pessoas.

— A Associação Nacional de Boxe dos Estados Unidos publicou a classificação actual dos «boxers» do pna múnica. Todos são britânicos, atribuindo-se a Jack Patterson o título de campeão do mundo. Os nomes seguem-se por esta ordem: Peter Kane, Alex Murphy, Norman Lewis, George Pook e George Parks. Eram estes os classificados para combater contra Patterson, para o campeonato do mundo.

— Na praça de touros de Arenas, em Barcelona, celebrou-se, há dias, uma reunião, cujo combate mais importante era o que Ferrer e Petró iam travar. A vitória pertenceu ao primeiro por «K. O.» ao sexto assalto. O vencedor, atacando desde o começo, teve vantagem nos quatro primeiros rounds. No quinto assalto Petró reagiu e foi melhor do que o adversário, mas no «round» imediato Ferrer voltou a atacar com ímpeto e, decorrido 1.º e 5.º s., atingiu Petró com um «directo» ao estômago, que havia de pôr termo á contenda e provocar o «k. o.» do vencido.

Nos outros combates da mesma sessão, Paco Burno venceu Gaillard, nos pontos, e Polo, campeão da «meios pesos» da Catalunha, venceu Furné, por desclassificação.

ENTROU-SE na última «ronda» do vigésimo primeiro campeonato lisboense de «hockey» em patins — e ainda estão por conhecer dois campeões: de 2.º da I Divisão (Futebol Benfica?) e de 1.º da II Divisão (talvez Lisgás...). Os apurados são os seguintes: Paço de Arcos e Ateneu Comercial, 1.º e 3.º da I Divisão; Sporting de Oeiras, 2.º da II Divisão.

O interesse pelo «rush» final das competições em referência, justifica-se plenamente; e pela razão simples de que as provas de 1944 têm tido bastante animação e curiosidade, em face do equilibrio manifestado entre os diferentes clubes, como não sucedia nos últimos torneios, com particularidade nas categorias inferiores.

Pôs-se já aqui o problema: está a jogar-se mais? Não cremos. Sinceramente. O que se verifica é «vontade maior» de ganhar a todo o custo: e por isso nota-se que, na generalidade, os encontros são rudes e despeitos de qualquer pormenores de «consciência técnica». Porquê? É fácil destrinçar entre um jogo em que os interventores se batem com paixão (como antigamente) mas por um ideal e um desafio onde se jogam apaixonadamente (como sucede agora) por e para um resultado... Entre um e outro «sistema» — se assim se lhe pode ou deve chamar — há realmente uma diferença muitíssimo grande: e tão grande que chegamos a ter súdiades do tempo, que não volta mais, em que estavam no apogeu desportistas como Adão, Adrião, Evaristo, Prazeres, Carreira, Aquino, Denis, José Carlos e mesmo Leonel e Magalhães, ainda em actividade.

Hoje, as coisas mudaram de feição — e ás vezes ultrapassam, até, as próprias conveniências! Porque o jogo evoluiu e chegou-se ao limite do aperfeiçoamento? Não. Simplesmente porque os tempos são outros...

Na carreira para o título de 1944, houve sómente um «record»: o Paço de Arcos. Todos os outros ficaram distantes do campeão, tal como aconteceu em 1943. Mas subsistirá, até á última jornada, o enigma do segundo lugar: Benfica ou Hockey de Sintra? Estão ambos em igualdade — e se bem que os «sintenses» reúnam maior numero de probabilidades (em Campo de Ourique, na sexta-feira, a luta vai ser renhida) nunca se esqueça que os benfiquistas são, sempre, homens da ocasião... É a ocasião é única, embora depois de amanhã, em Paço de Arcos, não possa prevêr-se uma noite verdadeiramente «côr de rosa» para os encarnados.

Mas este «sprint» consola — porque é um digno final de campeonato. Veja-se, entretanto, a posição dos clubes ao entrarem para a última jornada:

	J.	V.	E.	D.	GOALS P.
Paço de Arcos	13	12	1	—	91 - 21 55
H. C. Sintra	15	8	2	5	96 - 35 31
Benfica	15	8	2	5	47 - 25 31
Futebol Benfica	15	6	2	5	35 - 46 27
Académica	15	6	1	6	42 - 45 25
Ateneu	15	4	1	8	44 - 55 22
Campo Ourique	12	3	1	8	24 - 18 18
Tabacos	14	—	—	14	9 - 127 10

A Académica e o Campo de Ourique têm, cada um, sua falta, e o Tabacos conta quatro, por desistência.

Na II Divisão, o Lisgás tem o favoritismo — e já deve ser o campeão: a menos que o Sporting de Oeiras faça a surpresa de ganhar-lhe em Lisboa... E desde que triunfe, regressa automaticamente á situação anterior, que perdeu apenas por azar — ou descuido, traduzível também como excesso de confiança.

O 32.º aniversário da Associação de Futebol do Porto

A ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DO PORTO festejou o 32.º aniversário da sua fundação com um jantar íntimo, mas de verdadeira caracterização, entre fundadores e directores, antigos e actuais, deste organismo.

Além do valor das afirmações feitas nesse jantar, ao qual presidiu o sr. Artur Martinez, como mais antigo director e sócio n.º 1 da A. F. P., saliente-se a fraternidade desportiva revelada nas orações e o gesto simbólico do dr. Paulo Sarmiento, na sua proposta de saludação ao Sr. C. Porto, que actualiza a efectivação também o banquete comemorativo do 30.º aniversário.

A ideia da organização do ágape partiu da actual gerência da A. F. Porto, que pretendeu assim estreitar e criar laços de amizade entre velhos e novos dirigentes.

Sem alhar, hábito que os nossos métodos de trabalho não consentem, é justo focar a acção dos dirigentes desta colectividade. Anotemos o que tem sido o seu trabalho, insano esforço, indiscutível dedicação pelo organismo e a orientação metódica seguida para tudo quanto se refere ao capítulo administrativo.

Difícilmente será possível voltar a reunir um grupo de dirigentes de tal qualite. Em especial o trio central — Alberto Brito, Orlando de Sousa e Fernando Gaspar — são valores indiscutíveis na nossa organização desportiva. Se é certo que pelas cadeiras do poder da A. F. Porto têm passado figuras de grande relevo desportivo e social, o certo é que, também, ainda não vimos valores individuais que, colectivamente, tão bem se conduzissem e compreendessem.

Nestas condições primordiais reside o colectivismo que se nota dentro da gerência actual da A. F. Porto. É um factor a tomar em linha de conta. Contamos que de seja devidamente apontado e pesado quando virmos as futuras eleições associativas.

Ao formular este desejo, nada mais fazemos do que traduzir o pensamento de quantos assistiram ao jantar de confraternização.

De semana a semana

Crise no ciclismo nortenho...

Em as coisas têm bem encaminhadas e parecia assegurado o bom resultado técnico para o nosso ciclismo, quando, de repente, tudo esmoreceu e parou...

A complicar ainda mais as coisas surge a notícia de que a direcção da Associação Ciclista do Norte abriu crise com o pedido de demissão de três dirigentes — Carlos Oliveira, Manuel Lopes e António Meades, respectivamente tesoureiro e vogais técnicos, representando o primeiro o Académico e os restantes o Salgueiro...

Em minoria, o que poderá resolver a gerência da A. C. N.? Querê dizer: todos os assuntos ficarão parados até que a crise se resolva. Novos percalços e novas complicações.

O 2.º aniversário do clube de S. Roque da Lameira

A «família» do clube de S. Roque da Lameira festejou o 2.º aniversário da fundação. Desta vez juntou nas solenidades representantes de varios outros organismos. Pela sua acção educativa e de difusão desportiva, que muito apreciamos, auguramos ao clube vida próspera e de realce.

Escolas de prática desportiva

O Vasco da Gama, que ao «basketball» tem dedicado o melhor do seu esforço, acaba de entrar em novo caminho da sua actividade, merecedor de referência especial. Queremos referir-nos à criação de uma escola de aprendizagem de «basket», com umas dezenas de rapazes entre os 15 e os 18 anos. Nela serão adaptados à prática desta modalidade desportiva, com todos os requisitos, deviando-nos de vícios iniciais por falta de treinador consciencioso e permitindo-lhes a aquisição de técnica correcta.

É mais uma realização do esforço incansável do nosso amigo Joaquim Alves Teixeira, que vai procurando assim passar ao terreno pratico aquilo que tantas vezes proclamou nas colunas dos jornais em que tem espalhado a sua acção de propaganda, dirigente e critico.

Com esta escola, o «Vasco» ganhou novos foros e novos direitos ao reconhecimento de todos os que desejam ver o desporto seguido e orientado como deve ser.

Uma lição...

Grande lição para o remo portuense foi a das provas ultimamente disputadas no nosso Douro. Os de Aveiro fizeram como César — chegaram, viram e venceram... Em todas as competições em que entraram, sempre foram honestamente, embora correndo em píres águas, com timoneiros desconhecedores das correntes, com todo o somatório de erros a que os jornais se referiram.

Mas para nós não houve novidade. Profanamente, pois remamos muitissimo mal, desconhecedores da técnica da boa remada, mas com olhos para observar vimos a forma dificilite como se remava nos treinos. Estive, mais à beira rio. Vimos correr um barco de 8.º. Mas notámos má remada do n.º 5 dessa equipa. E toda a gente sabe que só o esforço colectivo, certo, firme, dá ao barco o impulso que se pretende tirar de cada remada.

Muito «verde», tudo! Há necessidade de criar novas gerações de remadores e, sem quaisquer ideias preconcebidas de vitória, treina-las, anulando os defeitos, e depois entrar-se na tentativa de correr contra o tempo, contra o relógio...

TUDO indica que o atletismo atravessa um periodo de resurgimento — e revalorização. Em Lisboa, sucedem-se as sessões de interesse — com muito publico. E no Porto e norte do pais está produzindo excelente resultado a campanha promovida pela «Stadium» com artigos de divulgação técnica e conferências e festivais de propaganda.

É agradável registar o progresso ou a movimentação de um desporto — e ter a certeza de que para isso contribuímos directamente.

NO «Figueirense», nosso prezado colega da Figueira da Foz, mantém há tempo uma campanha vigorosa, para a construção de uma piscina na linda e florecente cidade, o dr. Ernesto Tomé, uma das figuras mais curiosas do desporto local — antigo remador do Gimnásio Clube Figueirense, distinto jornalista e ilustre advogado. A ideia do referido desportista e jornalista é a da construção de uma piscina de água salgada, entre o Quebra Mar e o Forte de Santa Catarina, com água renovada constantemente pela acção das marés.

A ideia parece ganhar esplêndidas possibilidades de realização. Sob a mais de 200 contos a importância subscreta. É grande o entusiasmo criado à volta da oportuna campanha do «Figueirense».

FOI nomeada, e já tomou posse, a Comissão Administrativa que vai dirigir a Associação de Pagilismo de Lisboa. Os novos dirigentes resolveram dedicar-se, de preferéncia, à expansão do pagilismo amador. Com esse objectivo, projectam realizar brevemente o Campeonato dos estreates e entrar em contacto com os directores do centro e norte do pais, para a organização de torneios inter-regionais.

Oxalá que não fraqueje o entusiasmo inicial. E aproveitamos este ensejo para agradecer à Comissão Administrativa da Associação as saudações dirigidas à «Stadium».

CLUBE NACIONAL DE NATAÇÃO

(Continuação da pág. 3)

— Exactamente! Não podia desejar melhor no ano das nossas bodas de prata... Este acontecimento, que lhe narrei em síntese, ficará registado nos anais do clube, a perpetuar a passagem do nosso 25.º aniversário.

Em ritmo crescente de trabalho

Gustavo Pereira da Costa, que falara com entusiasmo compreensivo, faz uma pausa. Aproveitamo-la para saber algo acerca dos trabalhos do clube em natação.

— Na presente época, o Nacional...

— ... tem trabalhado com mais intensidade que nunca e melhorou inúmeros pormenores de organização, segundo nos aconselhou a experiência dos anos anteriores. Temos feito pequenos festivais inter-sócios e contamos com um grupo dedicado de instrutores. Além disso, a secção de salvamento — única em clubes portugueses — continua em franca actividade, com excelentes resultados. Tal como em 1943, os esforços de Fernando Alves e Liberto de Freitas dão os melhores frutos.

— Que nos diz das outras secções?

— Sente-se progresso firme em todas elas! No «basket» e no «volley», os rapazes cumpriram o melhor possível o seu dever. Não atingiram ainda o nível técnico que ambicionamos, mas lá chegarão. A secção de campismo, a mais recente dentro do clube, beneficiará muito, este ano, da compra de novo material. A cultural, a cargo de António Santos e Eugénio Judice, dois futuros engenheiros, merece ao clube carinho especial — e o número de volumes na nossa biblioteca aumenta dia a dia!

Assim fechou Gustavo Pereira da Costa as suas considerações. Pelo que nos disse, avalia-se facilmente que o Nacional continua a servir bem o desporto.

ABREU TÓRRES

Do programa comemorativo das «bodas de prata» do C. N. N. constam ainda os seguintes números: dia 25, prova de natação para apresentação das escolas deste ano; dia 29, baile no parque desportivo; e dia 27, provas de natação inter-sócios. Já se efectuaram o acampamento e a gincana campista, que decorreram com muita animação.

REALIZA-SE no próximo domingo o banquete que o Atlético Clube de Portugal oferece à sua equipa de «basket», para festejar duas vitórias dignas de realce — no Campeonato Nacional da II Divisão e na Taça de Honra. O Atlético teve, em «basket», um final de época assaz brilhante. Tardou — mas arrecadou!

A Comissão Distrital dos Árbitros de Futebol de Lisboa resolveu prolongar a inscrição, para a frequência da escola de Árbitros, até o fim do corrente mês. Havia já número bastante para justificar o êxito da iniciativa e assegurar a utilidade da escola. Mas houve a preocupação de alargar ainda o número dos concorrentes.

O problema das arbitragens de futebol entra, assim, num plano superior — com estudos. É por isso de esperar que melhor. E que apareçam mais árbitros — e mais competentes.

NÃO deve tardar o regresso do futebol. Sente-se, já, em mais de um aspecto, a volta do popular desporto. Os campeonatos regionais começam dentro de um mês — e os clubes não podem descuidar a preparação das suas equipas. Algumas renovam-se, por certo. Mas o trabalho principal consiste em «afinar» as linhas.

Por nossa parte, iniciamos hoje uma nova série de artigos de Tavares da Silva, nosso prezado camarada, que vai analisar, com largueza de vistas, os problemas e as perspectivas do futebol lusitano.

A natação é um excelente desporto. Mas nem por isso deixa de atravessar uma crise, que é, sobretudo, de transição — e expectativa. Parece que é da culpa dos clubes e dos seus dirigentes. Mas talvez não...

Mantém-se, no entanto, o ritmo do progresso das últimas temporadas, em Lisboa e em Coimbra.

NA cerimónia inaugural da piscina de Coimbra, nesta época, o sr. eng.º Higinio de Queiroz, presidente da F. N. A. T., disse uma coisa muito curiosa como observação pessoal: a F. N. A. T. deseja ver mais gente a nadar e menos publico a ver nadar os outros. A função principal de cada clube desportivo devia ser a de pôr muita gente a fazer desporto.

Alguns clubes entendem, porém, que é preferível poucos desportistas — e ganhar muitos prémios...

ATLETISMO

(Continuação da pág. 11)

Eloi Costa Pereira, com todo o seu estilo deficientíssimo, que deve começar a corrigir no ginásio a partir do próximo inverno, passou 1,60 em altura e classificou-se em 2.º lugar. Este estreato confirma tudo quanto dile temo dito. Fez-se notar ainda na estafeta 4 x 800, correndo pela primeira vez a distância e com um «especialista». Até aos 800 metros a sua corrida teve beleza e emoção, ficando bem em evidência as possibilidades deste atleta, também de largo futuro.

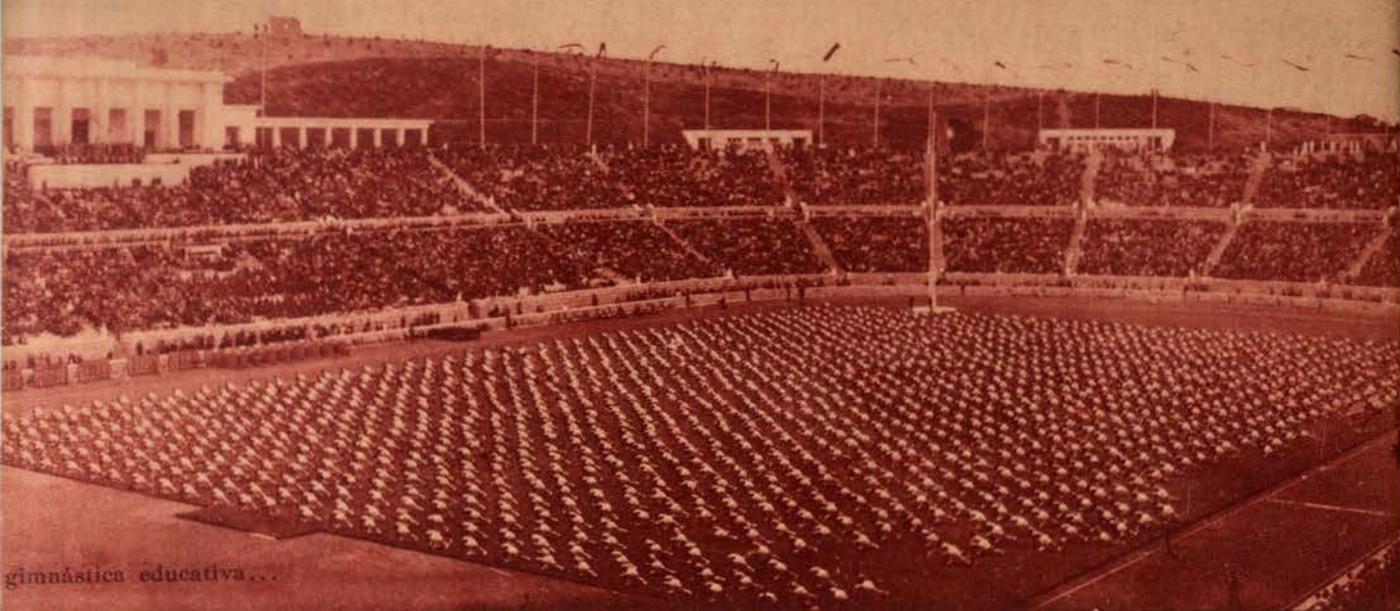
Cáдете, no estilo que todos conhecem, venceu o dardo com marca modesta: 43,90 m. É pouco e revela falta de treino, embora se tenha de atender ao deficiente material de que se serviu. No salto à vara, Montalvão continua a manter-se campeão indiscutível, mas sem acusar progressos técnicos. Nas barreiras — 110 metros — actuações pobrezinhas. Nos 5.000 metros, um veterano — Bernardo — ficou classificado entre dois «jovens»: Albino e Coutinho Mourão, o primeiro dos quais ganhou no modesto tempo de 17 m. 8 s. e 2/10.

BICICLETAS "FLECHA"



VISITEM A EXPOSIÇÃO NO L. DO INTENDENTE 11 A 18

8.000 soldados em grandiosa parada desportiva no Estádio Nacional



gimnástica educativa...



... e de aplicação militar

UM RECORDE BATIDO!...

Não é sómente em matéria de desporto que se batem re-ordes!... Por hábito compram-se hoje muitas utilidades a prestações — mas com aumento de preço... — e constitui na realidade um recorde saber-se que a Alfaiataria J. C. MOURA, na Rua da Atalaja, 145, faz dessas transacções sem qualquer aumento de preço. Se V. Ex.^a tiver casa sua não é preciso fiador para adquirir um bom fato, sobretudo um gabardine, assim como confecções de senhora em género «tailleur». Note bem, nesta casa encontrará V. Ex.^a maior perfeição e não paga luxo.

AS NOSSAS REPORTAGENS GRAFICAS E TRICROMIAS

Como anunciámos, publicamos hoje a reportagem referente ao SPORTING CLUBE OLHANENSE, bem como a tricromia da respectiva equipa de honra

No próximo número:
VITÓRIA SPORT CLUBE (Guimarães)

À esquerda: o habitual cupão, que os leitores devem recortar e colecionar, pois dá-lhes direito à capa que oferecemos para encadernar todas as separatas destas reportagens

Números esgotados

Prevenimos os nossos agentes, e todas as pessoas que nos têm remetido importâncias para a compra de excoplares airazados, que só poderemos efectuar as respectivas remessas depois de procedermos à reimpressão das tricromias que acompanhavam os números esgotados.



CHAVES de todos os modelos

Perdeu-as? Partiram-se? Roubaram-lhas? — mande fazer outras na

CASA DAS CHAVES
Amadeu Gomes da Fonseca

RUA DA MOURARIA, 3
(Frente ao Cinema) • Telef. 28050

